



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA
(ILAESP)**

**DESENVOLVIMENTO RURAL E
SEGURANÇA ALIMENTAR**

**FEIRA POPULAR DA PRODUÇÃO FAMILIAR NA VILA C EM FOZ DO
IGUAÇU, PR: DO PROJETO À PERSPECTIVA DE DESENVOLVIMENTO
LOCAL**

JOÃO PEDRO WICINOVSKI

Foz do Iguaçu
2015



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA
(ILAESP)**

**DESENVOLVIMENTO RURAL E
SEGURANÇA ALIMENTAR**

**FEIRA POPULAR DA PRODUÇÃO FAMILIAR NA VILA C EM FOZ DO
IGUAÇU, PR: DO PROJETO À PERSPECTIVA DE DESENVOLVIMENTO
LOCAL**

JOÃO PEDRO WICINOVSKI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar.

Orientador: Prof. Doutor Exzovildrez Queiroz Neto

Foz do Iguaçu
2015

JOÃO PEDRO WICINOVSKI

**FEIRA POPULAR DA PRODUÇÃO FAMILIAR NA VILA C EM FOZ DO
IGUAÇU, PR: DO PROJETO À PERSPECTIVA DE DESENVOLVIMENTO
LOCAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Doutor Exzovildrez Queiroz Neto
UNILA

Prof. Doutor Dirceu Basso
UNILA

Prof. Doutor Valdemar Joao Wesz Junior
UNILA

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de _____.

Dedico este trabalho a todos os feirantes, produtores, e colaboradores, que contribuíram para que o projeto da Feira Popular da Produção Familiar fosse implementado com êxito. Não me restam dúvidas de que o grande sucesso que a Feira tem alcançado é mérito de todos vocês.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a minha família pelo apoio que tive nessa empreitada em busca pelo conhecimento. Em especial aos meus pais Sergilio e Nivalda que sempre me estenderam a mão quando precisei.

A minha eterna namorada Gisele, pelo companheirismo, amizade e compreensão. E pelos inúmeros momentos de alegria e felicidade que dividimos juntos nessa trajetória.

As minhas irmãs Silvia, Patricia e Juliana, que contribuíram em grande parte para a minha estadia em Foz do Iguaçu.

A minha irmã Ana Paula, e ao meu irmão Serginho, que mesmo estando distantes sempre me apoiaram em busca dos meus objetivos.

Ao meu orientador Prof. Dr. Exzovildre Queiroz Neto - “Neto”, pelos conselhos e pelas referências cedidas para a construção deste trabalho.

Aos meus entrevistados, em especial os Feirantes da Feira Popular da Produção Familiar, que contribuíram para a construção deste texto, e também pelos vários momentos agradáveis que tivemos no período de extensão que o projeto proporcionou.

Aos meus colegas de curso, pela rica experiência que obtive durante esses quatro anos de caminhada.

A todos os professores do curso de graduação em Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar da UNILA, por abrirem as portas do conhecimento para mim. Certamente esse trabalho é fruto também, da dedicação de cada um de vocês.

Agradeço aos professores Dr. Valdemar Joao Wesz Junior e Dr. Dirceu Basso por aceitarem o convite e participarem da banca examinadora. Com toda

certeza os conselhos de ambos foram muito úteis para melhorar a qualidade deste trabalho.

E por fim agradeço a Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA), pela oportunidade de estudar e de conhecer as diferentes culturas e realidades vivenciadas pelos povos Latinos.

“A maior condenação a que estamos sujeitos no futuro será por omissão, por que meios para se fazer muitas coisas lindas e impossíveis existem.” Amyr Klink.

SOUL DA CIDADE

*Se a cidade fosse minha, fosse sua,
fosse nossa. A cidade era outra, não
estaria assim na fossa. Se a cidade,
fosse prédio e fosse roça, fosse unida a
de tijolo, a de madeira, a de palhoça.*

*Se a cidade fosse boa, para todos que
vivem nela. Compartilhar em comunhão, a
vida seria bela. (...)*

*Cidade de fronteira, dezenas de etnias,
com seus muros, cercas elétricas e
suas periferias. Sua luta de classes,
seu povo a padecer. A cidade não é só
o que aparece na TV.*

*(...)Na cidade, das matas e cascatas
Terra das Cataratas, da mamata e
magnata, cidade do turismo, do
cinismo, do abismo (...)*

*A cidade não é, a cidade está sendo. A
cidade vai mudar, a cidade está
crescendo. A cidade vai ser, a comuna
do povo. Que marcha a passos firmes e
anuncia um mundo novo. **“MANO ZEU”***

WICINOVSKI, João Pedro. **FEIRA POPULAR DA PRODUÇÃO FAMILIAR NA VILA C EM FOZ DO IGUAÇU, PR: DO PROJETO À PERSPECTIVA DE DESENVOLVIMENTO LOCAL**. 2015. Pg 63. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar) – Universidade Federal da Integração Latino - Americana, Foz do Iguaçu, 2015.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal demonstrar como que a Feira Popular da Produção Familiar situada na cidade de Foz do Iguaçu/PR, pode gerar através de sua implementação, uma ação que promove desenvolvimento para os atores sociais envolvidos. Considerada um circuito agroalimentar de cadeia curta, a feira foi construída em uma parceria com alunos da Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA), juntamente com a Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) e membros da comunidade do bairro Vila C e região Norte da cidade. A metodologia adotada para explicar as características desse fenômeno contemporâneo, é uma pesquisa realizada na forma de um estudo de caso. Os resultados demonstraram-se favoráveis, constatando-se que a FPPF pode ser vista sim como um projeto que promove o desenvolvimento para todos os envolvidos. Para os feirantes ela criou um novo modelo de mercado, o qual contribuiu para a divulgação da rica produção da região, e também para as relações comerciais, permitindo que a maioria dos produtores melhorassem suas rendas familiares. Aos consumidores a feira promove o uso de um novo espaço de lazer, um mercado alternativo para compra de produtos com boa qualidade e de origem local, que trouxeram mudanças positivas nos hábitos alimentares.

Palavras-chave: Feira. Mercado alternativo. Cadeias curtas. Desenvolvimento. Projeto Social.

WICINOVSKI, João Pedro. **FERIA POPULAR DE LA PRODUCCIÓN FAMILIAR EN VILA C EN FOZ DO IGUAÇU, PR: DEL PROYECTO À PERSPECTIVA DE DESARROLLO LOCAL**. 2015. Pg 63. Trabajo de Conclusion de Curso (Graduacion en Desarrollo Rural y Seguridad Alimentaria) – Universidad Federal de la Integracion Latino - Americana, Foz do Iguaçu, 2015.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo principal demostrar cómo es que la Feria Popular de la Producción Familiar (FPPF) situada en la ciudad de Foz do Iguaçu/PR, puede generar a través de su implementación, una acción que promueve el desarrollo para los actores sociales envueltos en la misma. Considerado como un circuito agroalimentario de cadena corta, la feria fue construida en una alianza con alumnos de la Universidad Federal de la Integración Latino Americana (UNILA), juntamente con la Pró-Reitoria de Extensión (PROEX) y miembros de la comunidad del barrio Vila C y región Norte de la ciudad. La metodología adoptada para explicar las características de este fenómeno contemporáneo, fue la de una investigación realizada en la forma de estudio de caso. Los resultados fueron favorables, constatándose que la FPPF puede ser vista como un proyecto que promueve el desarrollo para todos los actores envueltos. Para los feriantes este espacio creo un nuevo modelo de mercado, lo cual contribuyó para la divulgación de la rica producción de la región, y también para las relaciones comerciales, permitiendo que la mayoría de los productores mejorasen respectivamente su renta familiar. A los consumidores la feria promovió el uso de un nuevo espacio de recreación, un mercado alternativo para compra de productos con buena cualidad y de origen local, que por consecuencia trajeron cambios positivos en los hábitos alimentarios de los mismos.

Palabras-clave: Feria. Mercado alternativo. Cadenas cortas. Desarrollo. Proyecto social.

LISTA DE FOTOS

Foto 1 - Participantes do Projeto - Primeiro Encontro/Reunião da FPPF, (Mística).....	35
Foto 2 - Primeira edição da Feira Popular da Produção Familiar.....	37

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Ciclos Econômicos, Acréscimo de Habitantes na cidade de Foz do Iguaçu.....	17
Quadro 2 – Circuito Municipal das Feiras de Foz do Iguaçu.....	25
Quadro 3 – Motivos dos produtores para participar da FPPF.....	39
Quadro 4 – Mudanças proporcionadas pela feira aos atores envolvidos.....	40
Quadro 5 – Atividades comerciais dos feirantes antes de ingressar na FPPF.....	41
Quadro 6 – Relações sociais articuladas pelo grupo da FPPF.....	43
Quadro 7 – FPPF e o desenvolvimento local, visão dos feirantes.....	45
Quadro 8 – A FPPF no futuro, segundo considerações dos Feirantes.....	47
Quadro 9 – Índice de satisfação dos feirantes, segundo sua participação na FPPF...	48
Quadro 10 – Motivos dos consumidores para frequentar a FPPF.....	49
Quadro 11 – Opinião dos consumidores a respeito dos produtos comercializados na FPPF.....	50
Quadro 12 – Mudanças nos hábitos alimentares dos consumidores, com o surgimento da FPPF.....	52
Quadro 13 – FPPF e o desenvolvimento local, visão dos Consumidores.....	53
Quadro 14 – A FPPF no futuro, considerações dos Consumidores.....	55
Quadro 15 – Índice de satisfação dos consumidores, com a implantação da FPPF no bairro.....	57

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Divisão Regional do Município de Foz do Iguaçu.....	18
Figura 2. Cadeias Agroalimentares Longas.....	19
Figura 3. Hortas na cidade de Foz do Iguaçu/PR.....	31

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FPPF	Feira Popular da Produção Familiar
UNILA	Universidade Federal da Integração Latino-Americana
DRUSA	Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar
CEASA	Centrais de Abastecimento S.A
CEAGESP	Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo
PROEX	Pró-Reitoria de Extensão da UNILA
FAO	<i>Food and Agriculture Organization</i> - tradução (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura)
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPARDES	Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social
FOZTRANS	Instituto de Transportes e Trânsito de Foz do Iguaçu

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPITULO 1. DO CONTEXTO LOCAL (VILA C) AO MUNICÍPIO DE FOZ DO IGUAÇU.....	16
CAPITULO 2. CARACTERIZANDO A TEMÁTICA DAS FEIRAS.....	22
CAPITULO 3. PROJETO FEIRA POPULAR DA PRODUÇÃO FAMILIAR: DO PLANEJAMENTO E DA GESTÃO AO PROJETO e A PRÁTICA.....	29
CAPÍTULO 4. FEIRA POPULAR DA PRODUÇÃO FAMILIAR, E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL.....	38
4.1. RELEVÂNCIA DA FPPF PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL DA REGIÃO: EXPERIÊNCIA DOS FEIRANTES.....	39
4.1.2. Relevância da FPPF para o Desenvolvimento Local da Região: Experiência dos Consumidores.....	49
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	61

INTRODUÇÃO

O projeto de extensão Feira Popular da Produção Familiar, da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), teve como objetivo principal implementar uma Feira Livre no bairro Vila C, região norte da cidade de Foz do Iguaçu, PR. Neste trabalho pretende-se divulgar os resultados obtidos com a realização deste projeto, partindo de um estudo de caso, que mostrará quais atividades realizadas na feira podem favorecer o desenvolvimento local.

Referenciando-se em informações levantadas pelo projeto DO CAMPO PARA A MESA: MODELO DE EDUCAÇÃO¹, que realizou um Mapeamento das Hortas Urbanas na cidade de Foz do Iguaçu/PR no ano de 2012, notou-se que na região norte da cidade, especificamente ao entorno do bairro Vila C, existia uma concentração de produtores localizados em território urbano e periurbano, denominados agricultores urbanos, que atuam no cultivo de hortaliças e derivados. Juntamente com o conhecimento da produção rica e variada que se apresentava na região Norte, percebeu-se que nas proximidades não havia nenhuma Feira, ou algo similar, que pudesse integrar esses produtores em um circuito curto de comercialização. Segundo a FAO (2000) apud Arruda (2011):

Com a expansão das cidades, crescem as necessidades alimentares das famílias urbanas. Embora os impactos da crise alimentar e financeira afetem tanto a população rural quanto a urbana, os pobres urbanos têm sofrido maior impacto dentre os afetados. (FAO, 2000 apud Arruda, 2011, p. 6).

Com este intuito resgatamos a importância das feiras como espaço de comercialização e circulação de uma série de produtos alimentícios com preços acessíveis, contribuindo para a segurança alimentar da população.

O projeto da Feira Popular da Produção Familiar surge no ano de 2014, de autoria de João Pedro Wicinovski, Leandro Borges Raggi e Vinicius Possatto Stormoski, ambos discentes do curso de graduação em

¹ Projeto realizado por meio do Programa de Desenvolvimento Institucional e Envolvimento Comunitário (PROBIEC) da UNILA, executado pelos alunos Leandro Borges Raggi e Leonardo Da Silva Lopes, sobre orientação da Professora Dr^a Erika Marafon Rodrigues Ciacchi.

Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar (DRUSA) da Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA). O projeto foi escrito no primeiro semestre de 2014 como uma atividade acadêmica realizada para a disciplina de Planejamento, Elaboração e Avaliação de Projetos, que integra o currículo do referido curso.

A feira que a princípio estava apenas no papel se torna realidade no ano de 2015, quando os discentes decidiram encaminhar o projeto para a Pró-Reitoria de Extensão da UNILA (PROEX) como uma das ações de extensão da universidade contando com a coordenação do professor Exzovildres Queiroz Neto, docente do curso de Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar, que aceitou o convite dos alunos e se tornou orientador da ação.

Todos os domingos a partir do dia 12 de julho de 2015, barracas são montadas na rua fortaleza, no bairro Vila C Nova local onde a feira está situada, tal acontecimento, pelo que se tem conhecimento nunca havia acontecido no interior do bairro. Para alcançarmos esse objetivo realizou-se um novo processo de mapeamento na busca de produtores de alimentos e artesanatos em geral. Somados aos já identificados agricultores urbanos compôs-se a base de produtores para que a feira ganhasse vida e passasse a existir fisicamente.

O processo de construção da feira foi lento e exigiu algumas ações específicas que induzissem a organização dos produtores. O diálogo com o grupo de pessoas diversificadas, considerando que cada ator presente no grupo possui diferentes formas de enxergar e avaliar determinadas situações, fez com que uma metodologia fosse desenvolvida pelos organizadores. A metodologia, os processos, diálogos e ações que marcaram o surgimento desta feira serão apresentadas no decorrer deste trabalho.

O foco desta pesquisa é observar, identificar e analisar, a existência de fatores presentes na Feira Popular da Produção Familiar, que estimulem o desenvolvimento local no bairro Vila C considerando as variáveis

territoriais, sociais, econômicas e culturais, que influenciam o cotidiano dos atores envolvidos (feirantes e consumidores).

O texto apresenta uma estrutura simples, onde o primeiro capítulo demonstra as características da cidade de Foz do Iguaçu e do bairro Vila C, assim como os modelos de mercado paralelos a FPPF. O segundo capítulo traz algumas características das feiras em geral, e também uma breve contextualização das feiras na cidade. No terceiro apresenta-se o projeto da FPPF, seus objetivos e um histórico de construção.

Adiante no capítulo 4, faz-se uma breve introdução ao termo desenvolvimento, tendo ciência de seus múltiplos significados. Nesta parte do trabalho aparecem os resultados da pesquisa de campo realizada com os atores envolvidos na FPPF.

Foram entrevistados 14 participantes (sete consumidores e sete feirantes) em um dia de feira. Os entrevistados foram escolhidos aleatoriamente, dentre os feirantes participaram da pesquisa dois produtores que representassem cada setor (artesanato, agricultura e alimentos), em alguns casos as respostas aconteceram em conjunto, onde casais responderam as perguntas ao mesmo tempo, neste caso, apresenta-se com clareza nos quadros e no decorrer do texto, quando as falas pertencem a um casal.

Por fim, são feitas as considerações finais baseadas no referencial teórico levantado, nas entrevistas com os atores, e também através de minhas próprias considerações, afinal participei ativamente de todos os processos envolvidos na construção da FPPF.

CAPITULO 1. DO CONTEXTO LOCAL (VILA C) AO MUNICÍPIO DE FOZ DO IGUAÇU.

É sempre importante nas investigações baseadas em estudos de caso, apresentar algumas informações a respeito do local onde o trabalho está sendo desenvolvido. Para tanto este capítulo apresenta algumas das características do município de Foz do Iguaçu, principalmente do bairro Vila C e região norte da cidade, local de implementação da Feira Popular da Produção Familiar (FPPF).

Localizada na região oeste do estado do Paraná, Foz do Iguaçu possui uma área de 610,2 km² (IPARDES, 2015), a população segundo o IBGE (2010) é de 256.088 habitantes. O processo de ocupação na cidade iniciou-se no final do sec. XIX período em que as atividades econômicas no local giravam em torno da extração de madeira e do cultivo de erva-mate, (PREFEITURA MUNICIPAL, 2011).

Atualmente o turismo, conforme Ribeiro (2015, pg. 13) “é definido pelo discurso ideológico local, como a principal atividade econômica do município. [...] houve um processo de *turistificação*² do espaço urbano.”, que comporta inúmeras opções atraindo visitantes do mundo todo. A principal atração é as Cataratas do Iguaçu, atualmente considerada uma das sete maravilhas naturais do mundo, a cidade ainda conta com outros atrativos como a Usina Hidroelétrica de Itaipu, o Templo Budista, Ecomuseu, Marco das Três Fronteiras, Parque das Aves, Refugio Biológico, etc.

Nos últimos 45 anos a cidade passou por um processo de urbanização, período em que houve uma explosão demográfica, fenômeno influenciado principalmente pela construção de Itaipu, que atraía multidões de operários dispostos a trabalhar nas obras da Usina entre os anos de 1970 a 1980 (Quadro 1). Outro fato que contribuiu para o aumento populacional na cidade, é a presença da região de tríplice fronteira (Argentina, Brasil e

² Termo utilizado pelo autor para expressar o processo de modificação do espaço através das atividades turísticas.

Paraguai), que contribui para as atividades comerciais no local, com grande ênfase ao mercado presente na zona franca de Ciudad del Este no Paraguai.

Quadro 1 - Ciclos Econômicos, Acréscimo de Habitantes na cidade de Foz do Iguaçu.

Período	Ciclo Econômico	Acréscimo Populacional
1870/1970	Extração da Madeira e Cultivo da Erva Mate	33.966
1970/1980	Construção da Usina de ITAIPU	102.355
1980/1995	Exportação e Turismo de Compras	74.861
1995/2008	Comércio, Turismo de Compras e Eventos	108.007

Fonte: PMFI/DPII; Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu; Secretaria Municipal da Administração / Departamento de Informações Institucionais, 2011.

O bairro da Vila C surge na década de 1970 como um local apenas para moradia dos trabalhadores na obra de Itaipu, segundo Souza e Victal (2011):

A Vila C, construída na área prioritária de Itaipu e no caminho dos linhões de transmissão de energia elétrica que abastecem a subestação de Furnas, tinha caráter provisório com previsão para ser desmontada ao término das obras da barragem. Destinava-se aos funcionários barrageiros, motoristas, cozinheiros, vigias, mecânicos, pintores, auxiliares de escritório, encanadores, montadores, entre outros. As residências eram todas geminadas em grupos de quatro, com padrão de acabamento popular e construídas com áreas de 60 a 80m² cada. Distante do núcleo urbano de Foz do Iguaçu, as 2.900 casas abrigavam 15 mil pessoas e tinham uma lógica totalmente voltada às atividades da usina. (SOUZA E VICTAL, 2011, pg. 85).

Complementando a visão de surgimento do bairro vila C, Ribeiro (2015), Souza e Victal (2011) e Ribeiro M. (2002), retratam em seus trabalhos, que na cidade de Foz do Iguaçu, no decorrer do período de construção de Itaipu, também foram implantados outros dois bairros na cidade, as vilas A e B. As moradias nessas vilas variavam conforme a categoria dos trabalhadores, sendo que a Vila A³, foi projetada para moradia de profissionais de níveis técnicos e a Vila B⁴, um bairro para profissionais de alto patamar. Os

³ “[...] começou a ser construída em 1975; foram construídas 2.200 casas, [...] com áreas de 60 a 150m².[...] Os acabamentos variavam entre o tipo bom, médio e popular.” (SOUZA E VICTAL, 2011, pg. 84).

⁴ “[...] um condomínio fechado de 220 casas, as quais tinham acabamento superior e área de 150 a 250m² [...]” (SOUZA E VICTAL, 2011, pg. 84).

autores também descrevem que o bairro da Vila C⁵, não constava com redes de tratamento de esgoto⁶, o que segundo Ribeiro (2015, pg. 28). “[...] evidencia a desigualdade na infraestrutura urbana e social entre as vilas de Itaipu.⁷”



Figura 1 – Divisão Regional do Município de Foz do Iguaçu

Fonte: Diretoria de Informações Institucionais/Prefeitura de Foz do Iguaçu, 2013.

Atualmente a Vila C, juntamente com outros 34 bairros⁸ formam a região NORTE A da Cidade de Foz do Iguaçu (Figura 1). Local onde residem 38.209 pessoas segundo os dados levantados em 2013 pela Diretoria de Informações Institucionais da prefeitura municipal. É importante ressaltar que a

⁵ “[...] possuía uma característica homogênea de habitação, não possuía variação de padrão, destinada aos “peões” da usina”. (RIBEIRO, 2015, pg. 28).

⁶ “Ao contrário do projeto para a Vila C, todas as residências das vilas A e B foram ligadas à rede de abastecimento de água e à rede de esgotamento sanitário [...]”. (SOUZA E VICTAL, 2011, pg. 84). “[...] até o início da década de 2000 esse bairro não dispunha da rede de esgoto sanitário [...]” (RIBEIRO, 2015, pg. 28). Atualmente o bairro da Vila C está passando por mudanças a respeito do saneamento básico, sendo que algumas áreas já dispõem de conexões a rede de esgoto.

⁷ Nome dado as Vilas A, B e C, construídas para servir de moradia nas obras da barragem.

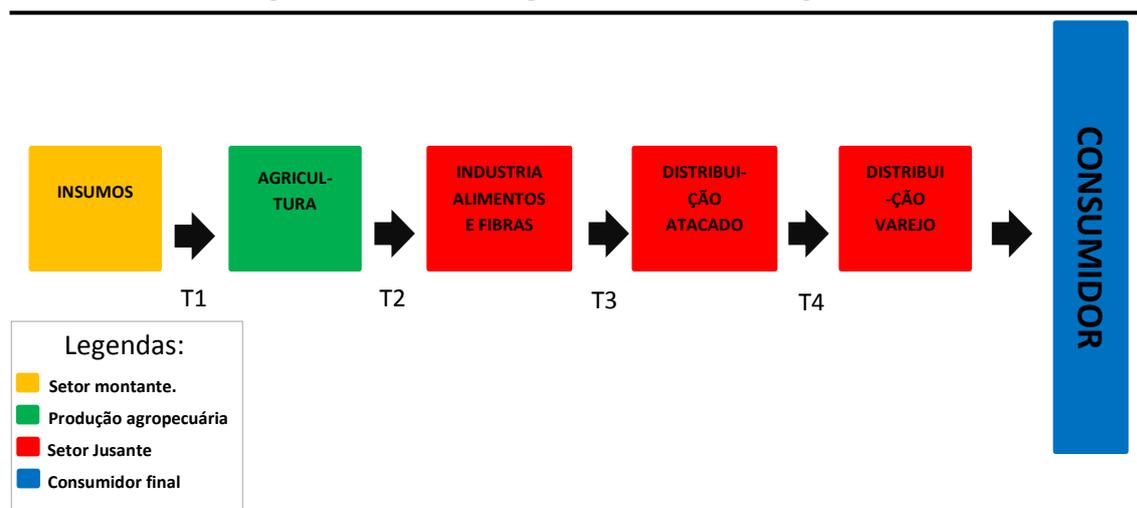
⁸ Jd. Almada, Lot. Vila Andradina, C.H.F.R. Araras, Lot. Bela Vista de Itaipu I, Lot. Bela Vista de Itaipu II, Lot. Bela Vista de Itaipu III, Imóvel Gleba. Bela Vista, Lot. Budel, Jd. Califórnia, Lot. Cidade Nova II, Lot. Cidade Nova Vila Rural, Lot. Cidade Nova, Jd. Curitiba, Jd. Evangélico, Jd. Florença, Jd. Irma, Jd. Ita, Jd. Itaipu, Pq. Linear, Jd. Marisa, Lot. Jd. Nova Andradina, Jd. Nova Califórnia, Jd. Olívia, Chácara Residencial Palmeiras, Porto Belo. Jd. Princesa Diana, Jd. Rosi Magalhães, Pq. Ind. e Com. São Paulo, Lot. São Roque, Vila. São Sebastião, Vila. Solidária, Lot. Universitário das Américas I, Lot. Universitário das Américas, Jd. Veneza; (Prefeitura municipal de Foz do Iguaçu; Diretoria De Informações Institucionais, 2013).

Vila C, por si, está fragmentada em duas áreas, Vila C Velha e Vila C Nova que juntas formam o “conjunto C”.

As relações de comércio no bairro Vila C apresentam características variadas, em grande parte compostas por mercados de pequeno e médio porte, que atuam na comercialização de diversos tipos de mercadorias. Para criar uma variável que se possa comparar, neste trecho apresenta-se uma visão geral a respeito dos produtos in natura, basicamente compostos por hortifrúttis, que também estão presentes no mercado criado pelo projeto da FPPF. A contextualização citada aqui deve proporcionar um esclarecimento a respeito de como eram as relações de mercado antes da existência da FPPF, o que será útil quando analisarmos o impacto que a mesma causou na comercialização destes produtos na região.

A comercialização na região do bairro Vila C, é baseada em modelos de cadeias produtivas longas (Figura2), onde os produtos passam por intermediários⁹ até finalmente estarem disponíveis ao consumidor final. Esse modelo de mercado acaba prejudicando os dois lados da cadeia (produtores e consumidores), o produtor tende a receber um preço relativamente baixo pelas suas mercadorias, e o consumidor paga um preço alto, considerando que neste processo, o preço das mercadorias aumenta, pois os setores intermediários buscando o lucro com a revenda somam valores monetários aos produtos.

Figura 2. Cadeias Agroalimentares Longas



⁹ Compostos principalmente por mercados de médio e pequeno porte, mercearias, dentre outros.

Fonte: *Adaptado de Zylbersztajn, 1995.*

Nesse modelo, os agricultores geralmente são dependentes de recursos¹⁰ externos a sua propriedade, classificados como insumos, comportam o setor montante também conhecido como o antes da porteira. Todas as vezes que o agricultor adquire um insumo o custo de produção aumenta, logo o valor de seus produtos que serão comercializados deve ser estipulado considerando o custo de produção¹¹. Depois da produção, os produtos chegam ao setor jusante (depois da porteira), onde passa por um processo de agregação de valores, e chegam ao consumidor final a um preço conseqüentemente mais alto.

Grande parte dos mercados do bairro Vila C, adquirem produtos hortifrúti no CEASA da cidade de Foz do Iguaçu. Esses produtos geralmente são importados de outras cidades, estados e até mesmo países, comportando uma cadeia agroalimentar longa que suporta muitos níveis até chegar ao consumidor final. Isso é algo preocupante, pois esse modelo de mercado possui mecanismos que atraem os consumidores, como nos mostra Zylbersztajn (1995):

Grandes cadeias de supermercados vêm operando globalmente dentro de padrões tecnológicos altamente homogêneos. Elas são capazes de identificar e processar de modo muito rápido, as reações dos consumidores frente a um novo produto. (ZYLBERSZTAJN 1995, p. 188).

A informação em relação à aceitação de um produto ou não, pode ser a chave para o sucesso ou o fracasso, dentro da competitividade do mercado. Conforme o autor argumenta, a rede de supermercados tem a capacidade de apurar as informações referentes aos gostos dos consumidores, e é isso que lhe permite uma vantagem em relação aos outros modelos de mercado. Alguns mercados da região até compram de produtores locais, mas essa compra não soluciona o problema da cadeia longa, embora os produtos

¹⁰ Os mais populares são os fertilizantes, os agrotóxicos, as sementes e os maquinários em geral.

¹¹ É claro que isso não se justifica em todas as formas de produção, como no caso da produção de commodities (soja, milho e trigo), onde os preços são esquematizados conforme o mercado internacional e não pelos agricultores.

sejam produzidos no local, existe a ação de um atravessador antes de chegar aos consumidores.

Tendo conhecimento das características negativas que a comercialização embasada em cadeias longas proporciona aos produtores e consumidores, algo novo deveria ser posto em prática no bairro Vila C. Uma nova forma de mercantilizar, um espaço que colocasse produtor e consumidor frente a frente, dialogando e interagindo, deixando de lado os setores intermediários. Pensando na construção de um comércio alternativo, surge a FPPF, algo igual, pelo que se tem ciência nunca havia existido no local, as mudanças que esse modelo de mercado trouxe para o bairro, será uma das variáveis apresentadas neste trabalho.

CAPITULO 2. CARACTERIZANDO A TEMÁTICA DAS FEIRAS.

Ao entrarmos no universo das feiras, reconhecemos sua importância perante o mercado nelas presente, caracterizado pelo contato direto entre produtores e consumidores, as feiras representam uma forma justa de comercializar. Consideradas um modelo de cadeia agroalimentar curta, o valor das mercadorias em uma feira favorece quem vende e quem compra, descartando-se a agregação de valores, comum em modelos de cadeias agroalimentares longas, onde estão presentes os mercadores intermediários já citados no capítulo anterior. É claro que este argumento só é aceito, em casos onde os feirantes são os próprios produtores, o mesmo não podemos dizer para casos¹² onde o feirante é apenas outro intermediário, revendendo um produto no qual o mesmo muitas vezes nem tem conhecimento de sua origem. Respeitando seu contexto histórico Sales, Rezende e Sette, (2011) especificam que:

A feira livre representa uma das formas mais antigas de comercialização de produtos agrícolas. Existem registros de que os povos sumérios já faziam uso desse processo de comercialização em 3.000 a.C., fazendo trocas e barganhas em um local específicos da cidade, em um dia determinado da semana. (SALES; REZENDE; SETTE; 2012, p. 2).

As feiras também tiveram um papel importante na criação dos centros urbanos que conhecemos na atualidade. “O aparecimento das cidades está relacionado estreitamente com as feiras, que representavam o embrião de uma nova aglomeração humana a partir da atividade comercial” (WEBER, 1979 apud VEDANA, 2004, p. 11). Denota-se que as feiras não são um fenômeno novo, essa modalidade comercial já está a um bom tempo presente na cultura humana, evidenciando um mecanismo que resiste o passar das gerações, as mudanças do comércio internacional, assim como as distintas especificidades proporcionadas pelos variados modelos de sistemas econômicos que conhecemos na contemporaneidade, (capitalismo, socialismo, comunismo, etc.).

¹² Como exemplo, tenho conhecimento de algumas feiras no estado de São Paulo, onde os feirantes adquirem seus produtos na CEAGESP, e outras centrais de abastecimentos, ou diretamente de produtores não descartando a característica de intermediar.

Sua existência na atualidade apresenta-se como uma forma de resistência aos modelos de comércio que surgiram no decorrer dos últimos séculos. Conforme Ramos e Storel (2001), com a chegada das revoluções industriais, os mercados agroalimentares foram explorados pelo capitalismo, intensificando a industrialização e comercialização dos produtos agroalimentícios, nesse período houve uma intensificação das cadeias agroalimentares longas, e os supermercados varejistas ganharam grande importância. Mesmo assim as feiras perpetuaram proporcionando uma maneira alternativa de comercializar.

Embora a principal característica de uma feira, seja o mercado nela proposto, a feira tem outras funções que não se restringem apenas a comercialização. Existem outras atividades que transformam as feiras em um local de lazer, um local para encontrar com os amigos, passear com a família, apreciar atividades artísticas e culturais. É sem dúvidas um “dia de festa” como demonstram os autores, Sales, Rezende e Sette, (2011):

A palavra feira deriva do latim feria, que significa dia de festa, sendo utilizada para designar o local escolhido para efetivação de transações de mercado em dias fixos e horários determinados. (SALES; REZENDE; SETTE; 2011 p. 2).

Para Colla et al., (2007); Coêlho e Pinheiro, (2009), a feira,

É um formato tradicional de varejo, que não possui lojas físicas e, por essa razão, ocorre em instalações provisórias montadas nas vias públicas, localizadas em pontos estratégicos da cidade, em dias e horários determinados (COLLA et al., 2007. COÊLHO e PINHEIRO, 2009. apud SALES; REZENDE; SETTE; 2011 p. 2).

Contemplando o raciocínio de que as feiras não comportam apenas comércio, Almeida (2009, p. 26) apresenta as feiras como “[...] locais de trabalho ou de divertimento, de negócio ou de lazer, são espaços de construções mediadas por saberes, por conhecimentos”. Segundo Forman (1979, apud Almeida 2009, p. 22) a respeito das feiras livres “[...] elas resistem, [...] funcionando também como centros de educação, cultura e entretenimento”. Percebe-se que as feiras cumprem uma função que extrapola o comércio,

propondo mecanismos¹³ de recreação, os fregueses são atraídos por essas características, e acabam voltando por que gostam da experiência.

Existe também nas feiras uma troca de conhecimentos, que pode ocorrer entre os próprios feirantes, quando em diálogo intercambiam informações a respeito das técnicas de manejo de produção, de receitas, métodos de comercialização, infraestrutura das barracas, etc. A troca de saberes também está presente nas relações entre feirantes e consumidores, essa interação cria uma espécie de vínculo de confiança mútua, onde os fregueses tornam-se parceiros dos feirantes retornando a comprar em sua barraca, do mesmo modo que os feirantes empenham-se para oferecer os melhores produtos para os mesmos.

Outra característica típica segundo Certeau *et. al.* (1996 apud Almeida 2009 p. 43) é a “idéia de ‘pureza’ dos alimentos que são adquiridos, com a possibilidade de tocá-los, escolhê-los, experimentá-los em todos os ‘sentidos’, projetando a ‘alquimia’ que irá se processar no contexto da cozinha”.

Obedecendo a todas essas condições, as feiras comportam mecanismos simples de comercialização e por essa razão facilitam o acesso a derivados tipos de produtos, aproximando quem produz de quem consome, não apenas pela troca de mercadorias, como também pela proximidade das relações sociais impostas neste modelo de mercado e pelas atividades de lazer. Essas características são particularmente exclusivas deste modelo de comércio alternativo e podem ser um dos motivos pelo qual as feiras ainda existem, sendo elas uma maneira encontrada pelos produtores para continuar operando em um mercado cada dia mais competitivo.

Para conhecer como são as feiras existentes em Foz do Iguaçu, entrei em contato com Paulo Rigotti¹⁴, que é um dos coordenadores

¹³ Refiro-me as atividades de entretenimento que englobam as feiras, é comum encontrarmos nelas, apresentações musicais, teatrais, danças, etc. Essas atividades atraem as pessoas e com isso beneficia também as relações de comércio nas feiras.

¹⁴ RIGOTTI, Paulo. Assessor de Eventos da Fundação Cultural de Foz do Iguaçu. E-mail: rigotti@hotmail.com

das feiras que acontecem na cidade. Com a utilização de um questionário¹⁵, a primeira pergunta remete a quantidade de feiras ativas atualmente, como resposta Rigotti disponibilizou o Quadro a seguir, que diz respeito às feiras registradas pela Fundação Cultural no município de Foz do Iguaçu.

Quadro 2 – Circuito Municipal das Feiras de Foz do Iguaçu.

Feira	Local	Dias da semana	Horário da Feira	Responsável
Feirinha da JK	Ao lado da 3ª Pista da JK	Domingos	Das 7h às 13h	Fundação Cultural
Feira Popular da Produção Familiar	Rua Fortaleza, 45 – Vila C	Domingos	Das 7h30 às 12h	UNILA
Feirinha São João	Praça Central de Três Lagoas	Domingos	Das 7h30 às 12h	Selma Souza Silva 9988-7224 / 3525-7399
Feirinha da Vila A	Avenida Américo Sasdelli em frente ao Gramadão	Quarta-feira	Das 7h30 às 13h	Fundação Cultural
Feirinha do Morumbi	Avenida Mário Filho	Quinta	Das 7h30 às 13h	Fundação Cultural
Feirinha da Vila Yolanda	Avenida Iguaçu ao lado do Colégio Almirante	Sexta	Das 7h30 às 13h	Fundação Cultural
Feirinha da Praça da Bíblia	Em frente à Praça da Bíblia	Sábado	Das 7h30 às 13h	Fundação Cultural
Feirinha de Artesanato	Teatro Barracão	Sábado	Das 15h às 23h	Associação do Artesão
FARTAL – Feira de Artesanato e Alimentos	Parque de Eventos Charrua	10 de junho	Das 12 às 02h	Fundação Cultural
Feira Internacional do Livro	Pra do Mitre	Setembro	Das 9h às 22h	Fundação Cultural

Fonte: Rigotti (2015); Fundação Cultural de Foz do Iguaçu.

Ao visualizar os dados presentes no Quadro 2, deparei-me com uma informação gratificante, percebendo que a Feira Popular da Produção Familiar já esta adjunta as demais feiras da cidade. Isso demonstra o grau de importância que a FPPF está tendo em relação não só ao local onde esta implantada, más também como parte de um contexto a nível municipal, a “nossa feira” já está reconhecida como uma feira que pertence ao circuito de feiras da cidade de Foz do Iguaçu.

¹⁵ Respondido via e-mail, em 5 nov. 2015. (todas as citações relacionadas à RIGOTTI no item 3.1 são originárias deste questionário)

Dentre as outras feiras que aparecem no Quadro 2, considerando sua relevância para a cidade, está a Feira das Nações (popularmente conhecida como “Feirinha da JK”). A qual tem grande destaque por operar no centro da cidade (ao lado da 3ª Pista da JK) e pelo número de participantes que, segundo Rigotti (2015) são “130 feirantes de Foz e Região”.

A respeito do surgimento da Feirinha da Jk, Rigotti conta que existiam duas feiras na cidade a primeira criada em 1986 pela prefeitura municipal, localizada na terceira pista da JK, atendia aos agricultores, e era composta por 16 barracas. A outra feira levava o nome de Feira Antiquarium, criada em 2007 pela Fundação Cultural contava com 30 feirantes, e atuava em frente à sede da Fundação na Rua Benjamin Constant. Houve então por parte dos feirantes uma mobilização para que as duas feiras fossem integradas (RIGOTTI, 2015). E a partir de 2008 o vereador Djalma Pastorello por meio da LEI Nº 3.427/2008¹⁶ oficializa a Feira livre das Nações no município de Foz do Iguaçu.

A nova feira que surgiu da união dos participantes das duas feiras antes separadas, agora possui mais variedades de produtos, agregando mais atrativos aos consumidores. Segundo o jornal A Gazeta do Iguaçu (maio de 2007, p. 12), a principal justificativa dos expositores das feiras para a unificação seria “por acreditarem num melhor atendimento aos *iguazuenses*¹⁷ e também para melhorar o faturamento de todo o grupo”, o jornal ainda destaca a importância da feira para os participantes, alegando que muitos dos expositores sobrevivem das vendas realizadas na feira (*Ibidem*).

Em outra matéria do jornal A Gazeta do Iguaçu (agosto de 2007), a respeito das feiras que acontecem na cidade, com foco na feira da JK, percebe-se que as feiras: Feirinha da JK, Feirinha da Vila A, Feirinha do Morumbi, Feirinha da Vila Yolanda e a Feirinha da Praça da Bíblia, presentes no Quadro 2, são na verdade composta pelos mesmo expositores, que se

¹⁶ Citada por Rigotti (2015) em meio suas respostas via e-mail, também disponível junto a Câmara Municipal de Foz do Iguaçu. Documento (on-line) Disponível em: <http://www.camarafoz.pr.gov.br/pdf/projetos/685.pdf> acessado: 10 Nov. 2015.

¹⁷ Termo designado às pessoas que nasceram ou que residem na cidade de Foz do Iguaçu/PR.

deslocam em diferentes dias da semana, para distintos locais da cidade, com a finalidade de comercializar seus produtos, caracterizando traços de uma Feira Itinerante.¹⁸

Quanto à qualidade das feiras na cidade de Foz do Iguaçu, Rigotti comenta através de sua experiência sobre os benefícios e as limitações das feiras:

As Feiras livres são atrativos culturais para a população dos bairros e do centro da cidade, nelas as pessoas podem encontrar produtos e diversões que dificilmente seriam encontrados no comércio em geral, como um bom café, um pastel frito na hora, um músico fazendo uma apresentação cultural, e o produtor rural vendendo seu frango caipira fresquinho e suas hortaliças diretas do sítio. Com a crise que vem assolando o país e o mundo, as pessoas procuram cursos e meios de ganhar dinheiro extra através da informalidade, e o Artesanato. Agricultura e a Praça de Alimentação são meios práticos de se conseguir tais objetivos. O crescimento no número de expositores nas feirinhas quase dobrou em um ano [...]. (RIGOTTI, 2015).

Reforça-se aqui o diferencial que as feiras promovem, quando o entrevistado relata que os produtos e as diversões impostas em uma feira “dificilmente seriam encontrados no comércio em geral”. Em seguida, ao falar dos produtos, o café, o pastel, o frango caipira e as hortaliças, pode-se afirmar de fato, que realmente não encontramos esses tipos de produtos na forma em que são oferecidos em outro modelo de mercado. É evidente a importância do papel do feirante, afinal o pastel e o café são feitos por eles, assim como as hortaliças e o frango caipira são colhidas/manipulados e comercializados diretamente pelos agricultores, diferentemente dos produtos encontrados em supermercados, que em sua maioria, são produtos industrializados, e os in natura de origem desconhecida.

Ao citar em sua fala, o aumento da busca por esse tipo de mercado, por conta das crises financeiras, os feirantes encontram uma maneira de continuar sustentando seus modos de vida. Do outro lado, complementando a crise financeira existe a crise da segurança alimentar, sustentada por Nierderle (2009), Scarabelote e Schneider (2012), que corresponde as mudanças na escolha dos alimentos por parte dos consumidores, em

¹⁸ Modelo de feira caracterizado pelo deslocamento da mesma para outros espaços, não ocupando um lugar fixo, podendo estar um dia em um local e outro dia em outro.

consequência das novas doenças como a vaca louca a gripe aviária entre outras. Esse problema nos últimos anos vem impactando as cadeias agroalimentares longas, em decorrência dos riscos associados aos produtos sem procedência com altos níveis de processamento. Contribuindo para o aumentando de interesse dos consumidores pelas cadeias curtas, que por possibilitar o contato direto com os produtores, proporcionam uma sensação de segurança referente ao que se está consumindo.

Essas são algumas das particularidades das feiras na cidade de Foz do Iguaçu, que segundo Rigotti (2015) embora a procura tenha aumentado por parte dos expositores, “[...] a preocupação da Fundação Cultural é de abrigar todo mundo, desde que os produtos tenham origem e qualidade para oferecer a seus visitantes.”. Isso representa que a Fundação Cultural é o órgão público que tem a responsabilidade de administrar as feiras na cidade, e ao meu parecer o serviço prestado por essa instituição é de grande competência, e isso é refletido na organização, e na qualidade das feiras que se desenvolvem pela cidade.

CAPITULO 3. PROJETO FEIRA POPULAR DA PRODUÇÃO FAMILIAR: DO PLANEJAMENTO E DA GESTÃO AO PROJETO E A PRÁTICA.

Neste capítulo, apresenta-se um histórico processual de construção do projeto, explicando detalhadamente como surgiu a Feira Popular da Produção Familiar (FPPF), descrevendo quais os princípios tornaram possível sua construção, os objetivos e as justificativas, relacionando fatos *a priori* a sua consolidação prática. Partindo de uma análise de materiais construídos ao longo do curso de graduação que demonstram o quão importante e interessante pode ser a criação de projetos na área das ciências sociais, buscando amenizar os problemas enfrentados pela sociedade civil.

Para que a elaboração de um projeto seja necessária, é preciso identificar um problema central, algo que dificulte a vida das pessoas, cujos efeitos podem ser amenizados com a construção de um projeto, onde sua ação direta ou indiretamente intervenha nas causas do problema, com o objetivo de trazer benefícios individuais ou coletivos. Segundo Armani (2000):

[...] os projetos sociais, se bem elaborados e realizados, podem se tornar instrumentos importantes para a organização da ação cidadã, capazes de aumentar as chances de êxito de uma intervenção social. Nesse sentido, os projetos são um recurso técnico útil e necessário para qualificar a ação social organizada em prol da elevação da qualidade de vida e do fortalecimento da cidadania dos setores excluídos da sociedade brasileira. (ARMANI, 2000, p. 15).

É nesta perspectiva que surge a ideia de programar um projeto de Feira no bairro Vila C. A FPPF apresenta-se como uma solução plausível, para resolver o “problema” da falta de um local específico para que os produtores da região do bairro Vila C comercializem seus produtos.

No Projeto DO CAMPO PARA A MESA: MODELO DE EDUCAÇÃO (2012), Leandro Borges Raggi e Leonardo da Silva Lopes, realizaram um mapeamento de hortas na cidade de Foz do Iguaçu/PR, identificando hortas no perímetro urbano e periurbano, das quais designamos o termo de agricultura urbana ou periurbana, conforme Arruda (2011):

[...] a agricultura periurbana é definida como unidades agrícolas periféricas às cidades, que exploram intensivamente as atividades agrícolas, sendo granjas comerciais ou semicomerciais que cultivam hortaliças e produtos semiprocessados, criam frangos e outros animais,

e produzem leite e ovos. Ou seja, a diferença de conceito baseia-se apenas no espaço onde ocorre (dentro ou periférico à cidade) e nas atividades econômicas relacionadas (ARRUDA, 2011 pg.26).

Basicamente as atividades que envolvem a agricultura urbana não se diferem muito do que ocorre na agricultura tradicional presente no espaço rural, pode-se dizer que ambas possuem as mesmas raízes, o que muda realmente é a escala na qual as duas se manifestam. A agricultura urbana ocupa geralmente pequenos espaços, e sua localização é próxima ou no interior das cidades, o que delimita o sistema produtivo nessas propriedades, que geralmente atuam no cultivo de hortifrúti e a criação de pequenos animais, que se destinam ao consumo doméstico ou para a comercialização. Diferente da agricultura tradicional, que por se localizar em áreas externas às cidades ocupam perímetros maiores, divididas entre pequenas, médias e grandes propriedades, a produção oscila entre pequenos cultivos com uma vasta variedade de produção, até áreas imensas de monocultivos de *commodities* como soja, milho e trigo. Para Machado e Machado (2002):

A prática da agricultura urbana que compreende o exercício de diversas atividades relacionadas à produção de alimentos e conservação dos recursos naturais dentro dos centros urbanos ou em suas respectivas periferias, surge como estratégia efetiva de fornecimento de alimentos, de geração de empregos, além de contribuir para a segurança alimentar e melhoria da nutrição dos habitantes das cidades. (MACHADO e MACHADO, 2002, p.07). [...] O agricultor urbano pode ajudar a criar um microclima adequado, conservar o solo, minimizar o lixo nas cidades, promover a reciclagem de nutrientes, além de melhorar o manejo da água, da biodiversidade, do balanço de O₂ e CO₂ e da consciência dos cidadãos urbanos. (*Ibidem*, p.16).

Seguindo a linha de pensamento de (ARRUDA, 2011), percebe-se que os atores que atuam na agricultura urbana, estão inseridos em um perímetro que pertence ao território urbano. E a produção conforme (MACHADO e MACHADO, 2002) gerada por esses agricultores formam uma importante rede de oferta de alimentos, que podem suprir as necessidades de alto consumo dos próprios agricultores. O excedente da produção gera uma variável de comercialização, ofertando alimentos para a população na cidade onde estão inseridos, promovendo princípios de um comércio local, intervindo e modificando as cadeias agroalimentares.

As práticas da agricultura urbana também sancionam elementos de modificação do ambiente, reduzindo os impactos ambientais ocasionados pelo crescimento dos centros urbanos, contribuindo para a redução mesmo que mínima dos efeitos do aquecimento global e outros problemas ambientais como a impermeabilidade do solo.

No projeto de Mapeamento diagnosticou-se um pequeno aglomerado de propriedades compostas por agricultores urbanos na região Norte da Cidade, das quais, a maioria está situada no bairro Vila C, como podemos ver na Figura 2, o perímetro circulado na cor verde. Os modelos de estabelecimentos que atuam como agricultores urbanos estão espalhados pela cidade, no entanto não estão presentes na região central, estão divididos entre as regiões Norte e Sul. Como já existe um histórico de feiras que integram os produtores da região Sul (que atuam principalmente na Feirinha da JK, já citada anteriormente), procurou-se construir um projeto que atendesse os agricultores da região Norte da cidade. Por isso que os dados coletados em 2012 foram de muita importância para o que viria ser a FPPF.

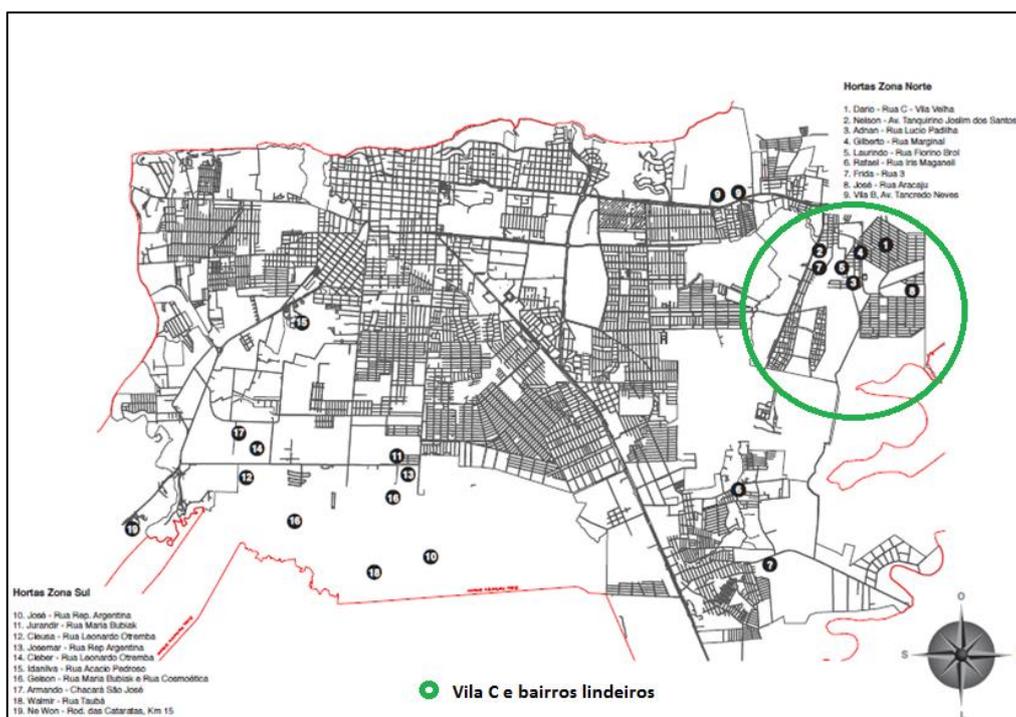


Figura 3. Hortas na cidade de Foz do Iguaçu/PR.

Fonte: Projeto DO CAMPO PARA A MESA: MODELO DE EDUCAÇÃO; Mapeamento das Hortas Urbanas na cidade de Foz do Iguaçu/PR (2012). Adaptação própria.

No ano de 2014, tendo como base o trabalho de mapeamento das hortas já citado, eu e meus colegas Leandro Borges Raggi e Vinicius Possatto Stormoski, entramos em contato com os produtores na região da Vila C, já com a intenção de propormos uma feira. Neste período não tínhamos ainda um projeto escrito, mas estávamos no início do planejamento, que seria a coleta de dados para tomar conhecimento das necessidades que o projeto deveria suprir. Para isso realizou-se uma saída a campo para dialogar com os agricultores da região.

As visitas aos agricultores aconteciam individualmente na propriedade dos mesmos. No local aplicamos um questionário simples, para entender a realidade de cada produtor, saber quais suas dificuldades, o que se produz, seus objetivos para o futuro, e obviamente qual o seu interesse em participar de uma feira. Tivemos uma boa aceitação, a maioria dos agricultores mostrou-se animados a participar da feira, isso nos serviu de motivação para agregarmos esforços no trabalho de construção do projeto.

Na medida em que íamos avançando novas ideias iam surgindo, uma delas é a de pensar no modelo de feira que seria construído. Como se sabe, o universo das feiras comportam características abstratas, que variam entre a comercialização de produtos específicos, como no caso de uma feira de artesanatos, que obviamente, os produtos comercializados variam entre artigos de origem artesanal, outros exemplos são a feira da agricultura (produtos de origem agrícola), feira do peixe (derivados de peixe em geral), etc. Já outros modelos de feira, operam com a variedade de produtos, podendo articular os exemplos anteriores em uma única feira, e ainda expandir seu mercado, agregando uma imensidão de mercadorias das quais se pode facilmente encontrar produtos industrializados, eletrônicos, vestuários, *fast-food*, dentre outros.

A feira que tínhamos em mente deveria conter um comércio variado, baseado em produtos de origem agrícola, alimentar e artesanal. Achamos interessante construir uma feira com essa variedade, para melhor atender as necessidades dos consumidores e também dos produtores da região. Por isso, posteriormente as entrevistas com os agricultores,

trabalhamos para encontrar outros produtores, que atendessem ao mercado de alimentos e artesanatos. Depois de realizar algumas pesquisas e entrevistas, encontramos nas proximidades e no interior da Vila C um público generoso de produtores neste quesito, esses iriam somar diversidade a futura FPPF.

Na linha de artesanatos, identificamos produtores que atuavam na confecção de tecidos em geral (toalhas, tapetes, panos de prato, etc.), artigos em madeira e MDF. O interessante neste sentido é que o público que encontramos são em extrema maioria mulheres, que trabalhavam de forma autônoma, modificando as matérias primas e comercializando seus produtos em um mercado informal. Ao constatarmos essas artesãs, todas adoraram a ideia de participar da feira, argumentando que a feira seria uma ótima oportunidade para exporem seus produtos e abrir novas portas de escoamento para sua produção. Da mesma forma, na linha de produção de alimentos, encontramos produtores de pastéis, pães, bolos, cucas, panificados em geral, caldo de cana, etc.

Após concluir a coleta de dados junto aos produtores, tínhamos em torno de 10 pessoas interessadas em participar da feira. Partimos para outra etapa, que seria o desenvolvimento do projeto no papel. No curso de graduação em DRUSA, contamos com disciplinas voltadas para o planejamento, elaboração e avaliação de projetos. Em uma dessas disciplinas desenvolvemos o projeto da FPPF, com o objetivo geral de “Implementar uma feira popular que traga benefícios aos produtores locais, delimitando um local e data onde os mesmos podem comercializar seus produtos”. (Projeto FPPF, 2014, WICINOVSKI, RAGGI, STORMOSKI).

Com o projeto escrito, faltava pouco para que a FPPF se tornasse realidade. Chegamos ao ponto mais delicado, como devemos prosseguir para que a feira exista fisicamente. Esse problema, basicamente se da pela questão econômica, por que para aplicar um projeto dessa virtude, é necessário que tenhamos um auxílio financeiro para suprir as necessidades básicas da feira. Decidimos então, enviar o projeto a PROEX, para que o mesmo se tornasse uma das ações de extensão da UNILA no ano de 2015,

contamos com a ajuda do professor Exzovildres Queiroz Neto orientador da ação.

Com a aprovação do projeto, iniciou-se uma série de encontros¹⁹ com os atores participantes para discutir sobre o tema. Passamos a utilizar uma sala cedida pelo Centro Comunitário do bairro Vila C Velha para execução dos encontros. Nesta etapa passamos a visitar os produtores convidando-os a participar das reuniões. Na primeira delas realizamos uma mística²⁰ (Foto1.) com o grupo e apresentamos o projeto da FPPF na íntegra, descrevendo seus objetivos gerais e específicos, um histórico de construção, e quais as metas deveríamos atingir para que a feira passasse a existir.

Foto1- Participantes do Projeto - Primeiro Encontro/Reunião da FPPF, (Mística).



Foto: Leonardo Da Silva Lopes

Nos encontros seguintes, por meio de seminários, trabalhamos com intuito de capacitar os produtores, transmitindo conhecimentos a respeito de formas de organização em uma feira, infraestrutura, barracas, ponto de energia, lixeiras, limpeza, higiene, manipulação de alimentos, sistemas produtivos básicos, transporte dos produtos, publicidade da feira, medidas a serem realizadas junto aos órgãos públicos, como autorização e fechamento de

¹⁹ Os encontros se manifestavam em forma de reuniões e seminários, com breves apresentações de slides com o uso de retroprojetor, em seguida eram abertos espaços para discussão, sugestões e solução de dúvidas por parte dos atores beneficiários do projeto.

²⁰ Pedimos para que cada participante levasse uma amostra de seus produtos, para socializar com os demais produtores um pouco de sua história, seu modelo de vida e produção.

uma rua, etc. Pensando em atender as distintas especificidades dos produtores, dividimos alguns encontros entre setores (agricultura, alimentos e artesanatos), assim foi possível distinguir melhor as necessidades de cada setor, como a escolha de preços, o planejamento e a organização.

Em duas oportunidades contamos com a presença de atores ligados aos órgãos públicos da cidade de Foz do Iguaçu. Na primeira delas esteve presente o veterinário Therbio Teixeira Moreira, responsável pela vigilância sanitária junto à secretária de agricultura da cidade, ele repassou informações para os participantes da feira a respeito das práticas de manipulação de alimentos, exigidas pela vigilância sanitária. Em outro momento, o assessor de eventos da Fundação Cultural de Foz do Iguaçu, Paulo Rigotti, contribuiu com o grupo instruindo como funciona o processo de solicitação do alvará de feirante junto ao órgão em qual o mesmo trabalha.

Para a execução dos encontros, formulamos medidas de participação dos atores envolvidos, respeitando as opiniões de cada um e priorizando um diálogo que articulasse a construção e a tomada de decisões por vias de um processo coletivo. Ou seja, nada dentro da organização do grupo de produtores, ou da própria construção da feira teve decisões individuais, as deliberações a cerca de assuntos específicos foram estipuladas para a gerência em grupo, o coletivo que decide e que constrói não os indivíduos.

Seguindo essa metodologia de ação coletiva, foram decididos vários impasses a respeito do local onde a feira iria implantar-se, essa medida em particular foi deliberada através de um processo democrático, onde os próprios participantes citaram alguns locais, e depois deram suas preferencias através de uma votação simples onde a maioria dos votos predominaria. Outras variáveis também foram definidas através de votação, como o dia em que a feira aconteceria, horários, e a organização das barracas (em linha reta, circular, em formato de U, etc.).

Em fim depois de alguns encontros e muito dialogo com os participantes, teve inicio a FPPF, sua primeira edição (Foto 2) foi no dia 12 de

julho de 2015. Para a primeira feira, foram solicitadas oito barracas²¹ da prefeitura, tínhamos como meta a participação de 16 feirantes que faziam parte do grupo, porém, neste dia choveu muito, comparecendo apenas 8, a feira seguiu normalmente obedecendo seus horários de abertura (8 horas) e fechamento (12 horas).

De modo geral, a primeira edição da FPPF foi um sucesso, tendo boa aceitação pela população local, que contribuíram com um público consumidor rasurável, presenciando o evento mesmo com o clima instável, alguns feirantes acabaram com seus estoques em apenas duas horas de feira, outros não venderam nada, como foi o caso das artesãs, que mesmo assim adoraram ter participado. Isso demonstra que feira tem uma finalidade não apenas comercial, existe uma espécie de harmonia em participar de algo coletivo, ser parte de um grupo, fazer amizades, estar presente em uma feira, sem dúvidas é uma experiência única, que não deve apenas restringir-se aos benefícios econômicos. Em virtude dessas características, os feirantes se demonstraram animados, e decidiram que a FPPF deveria ser realizada semanalmente aos domingos.

Foto 2 - Primeira edição da Feira Popular da Produção Familiar.



Fonte: Leonardo Da Silva Lopes

²¹ Essas barracas foram emprestadas pela prefeitura municipal, para isso foi necessário fazer um protocolo agendando o empréstimo. No entanto a prefeitura não entrega as barracas, para isso tivemos que fretar um caminhão para busca-las, com prazos de retirada e devolução de dois dias úteis.

Para as próximas edições da FPPF, procuramos algumas alternativas em relação à estruturação da feira. Tendo em vista a dificuldade de emprestar as barracas da prefeitura, considerando essa medida um processo burocrático que necessita de agendamento prévio, do ponto de vista logístico torna-se inviável o uso deste material. Como estratégia para facilitar a realização da feira, o problema principal a ser questionado nesta etapa, foi à aquisição de barracas próprias. O que se tornaria vantajoso, partindo do pressuposto de trazer autonomia aos feirantes.

Pensando em solucionar este problema, muitos afirmaram que no momento não tinham condições de comprar uma barraca, mas que poderiam providencia-las em um período de duas semanas. Como medida paliativa, a FPPF instaurou-se nas dependências do estacionamento da Escola Municipal Padre Luigi Salvucci, no qual já tínhamos uma proposta da diretora da escola, para operar com a feira no local. Desta maneira a feira se manteve durante dois domingos, como combinado os feirantes se propuseram a adquirir suas barracas durante esse período e posteriormente retornar para a rua, considerando que as feiras em geral são exercidas em vias públicas. Após a aquisição das barracas a FPPF voltou a ser executada na rua, onde permanece até os dias atuais.

CAPÍTULO 4. FEIRA POPULAR DA PRODUÇÃO FAMILIAR E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL.

Neste capítulo apresenta-se uma descrição do conceito de desenvolvimento, interligando o termo ao projeto da FPPF, para averiguar quais características impostas pela Feira permitem um fator de desenvolvimento para o local onde está implantada, favorecendo os atores que participam da feira, sendo eles feirantes e consumidores.

Para analisar quais as melhorias a feira trouxe para o local, tendo como base metodológica o estudo de caso, é neste capítulo que se apresentam os resultados obtidos através de uma pesquisa de campo, que segundo Yin (2005) os trabalhos a campo comportam papel importante na elaboração de um estudo de caso, considerando que esta deve ser a última etapa do estudo, e sua utilização deve suceder um trabalho teórico já formulado.

Primeiramente vamos falar de “desenvolvimento”, entendermos sua essência é fundamental, para que se faça uma boa análise de sua relação com o fenômeno contemporâneo da FPPF. Atualmente o termo desenvolvimento tem se tornado um dos principais assuntos de discussão a nível global. Muito se questionam as teorias exógenas e endógenas, a primeira direcionada a um modelo de desenvolvimento que vem de fora, de cima para baixo. Já o modelo endógeno apresenta características de construção local, de baixo para cima. Para Fillipi e Conterato (2009):

O desenvolvimento é um fenômeno de natureza social marcado pela controvérsia quanto às suas formas de concepção e de aferimento. Isso se deve basicamente ao fato de que o desenvolvimento só existe como tal na medida em que passa a ser percebido como uma situação que promove mudanças em determinada coletividade humana. Tais mudanças se dão graças a ações individuais e coletivas que podem produzir impactos positivos em seus meios de vida. Todavia, nem sempre as ações promovem a melhoria do nível de vida de todos. (FILLIPI, CONTERATO, 2009 pg. 11).

Certamente essa teoria de desenvolvimento citada por Fillipi e Conterato, pode ser empregada para analisarmos quais as modificações que a FPPF trouxe para os atores envolvidos, afinal a feira em si é fruto de uma ação coletiva, e por isso entender todo o processo de construção (já citado no

capítulo anterior) assim como os seus respectivos resultados, sejam eles positivos ou negativos, é a essência deste estudo de caso em particular. Para explicar quais mudanças ocorreram no modo de vida dos participantes da FPPF, é necessário ouvi-los, e por isso a utilização da metodologia de pesquisa de campo.

4.1. RELEVÂNCIA DA FPPF PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL DA REGIÃO: EXPERIÊNCIA DOS FEIRANTES.

Foram entrevistados sete feirantes da FPPF, por meio de um questionário, para entender partindo de suas próprias experiências, como que a feira está caracterizada. Para esboçar os resultados da pesquisa, as respostas para cada pergunta serão apresentadas nos quadros a seguir, assim como as considerações para cada tema questionado. Relembrando que no caso dos feirantes 3 e 4, as respostas foram coletivas, “em casal”.

Quadro 3 – Motivos dos produtores para participar da FPPF.

O que motivou você a participar da Feira Popular da Produção Familiar (FPPF)?		
Identificação/idade	O que vende na FPPF	Resposta à questão
Feirante 1 40 anos.	Artesanatos em tecido.	Não temos nada na vila, eu gosto também por causa da divulgação do meu trabalho, e pra conhecer outras pessoas, fazer amizades. Sempre achei interessante as feiras, sempre quis participar. Eu amo artesanato, e gosto do meu trabalho.
Feirante 2, 42 anos.	Pastéis.	Primeiro por causa da renda, e uma ocupação diferente, por que só ficava em casa, eu vim e gostei.
Feirante 3 e 4, ele 22 anos, ela 20 anos. (casal).	Hortaliças	Pra mostrar o nosso trabalho, por que só ali só na horta, não tem como expandir o negócio, e também por uma renda extra.
Feirante 5, 47 anos.	Artesanatos em madeira e MDF.	Vocês* dois. Já era um sonho antigo meu de fazer essa feira, só que eu não conseguia, por que as pessoas não cooperavam, e vocês* dois chegaram pra ajudar a concluir meu sonho. Pra mim é ótimo isso aqui.
Feirante 6, 46 anos.	Hortaliças e pipoca.	Por que a gente trabalha já nesse ramo, uma vez eu fazia feira no centro e a gente já tem noção mais ou menos de como funciona. Ai o que mais me motivou foi que vocês* procuraram meu pai e ai surgiu essa possibilidade da feira e tal, e o meu pai depois de umas duas ou três visitas de vocês* lá, ele começou a se interessar ai ele me chamou pra conversar sobre isso, pra ver o que eu achava e dai a gente tem um produto ai eu acho que não custa tentar né, tudo é viável.
Feirante 7, 42 anos.	Peixes.	Eu já tinha conhecimento, por que a gente já participava de outras feiras. E até foi a assistência de vocês* mesmo, é um projeto diferenciado, e eu vi que isso aqui era diferente, e por isso eu acreditava que dava certo, não só pela renda que aumentaria, mas também a gente faz contato com o pessoal, eu não troco isso aqui por nada, pra mim tá ótimo.

*Discentes (João Pedro Wicinovski e Leandro Raggi) encarregados do projeto de extensão da FPPF.

Fonte: Pesquisa de Campo - Informações concedidas ao autor por meio de entrevista, no dia 15 de novembro 2015.

Para a primeira questão, procurei entender o que motivou os produtores a participarem da FPPF. Percebe-se, analisando as respostas, que foram vários os motivos. Dentre eles a divulgação de seus produtos, uma oportunidade de renda extra, conhecerem novas pessoas e fazer amizades. Podemos ver também que alguns dos feirantes também já tinham conhecimento de como eram as feiras, pois já participavam em outros pontos da cidade.

Outro ponto essencial foi que muitos relataram terem sido motivados pelos alunos envolvidos no projeto da FPPF, essa informação caracteriza a importância de se ter alguém realizando uma intermediação junto da comunidade. Conjuga-se também a importância dos projetos de extensão universitária, a qual teve papel crucial no desenvolvimento desta feira.

Na fala do feirante 5 “Já era um sonho antigo meu de fazer essa feira, só que eu não conseguia, por que as pessoas não cooperavam” conclui-se, que já tiveram tentativas frustradas de criar uma feira no bairro, e isso reforça a importância do projeto, para auxiliar os atores a se organizarem, e construir uma feira juntos.

Quadro 4 – Mudanças proporcionadas pela feira aos atores envolvidos.

A FPPF trouxe alguma mudança para você ou para sua família?		
Identificação/idade	O que vende na FPPF	Resposta à questão
Feirante 1, 40 anos.	Artesanatos em tecido.	Pra mim trouxe. Os dias que não venho, pra mim faz falta. Quando não venho parece que esta faltando alguma coisa. Me distrair, é um tempo só meu, longe de casa.
Feirante 2, 42 anos.	Pastéis.	Trouxe. Eu conheci muita gente, é um domingo diferente, e também melhorou a renda da família.
Feirante 3 e 4, ele 22 anos, ela 20 anos. (casal).	Hortaliças	Trouxe. Principalmente na questão financeira, trouxe mais fregueses.
Feirante 5, 47 anos.	Artesanatos em madeira e MDF.	Trouxe um domingo diferente, uma luta diferente, a gente conheceu mais pessoas e fizemos amizades.
Feirante 6, 46 anos.	Hortaliças e pipoca.	É, ajuda né. Ajuda por que a gente vende no local. Aqui na feira, pelo menos o que a gente consome a gente não vai perder também, e a gente tem uma renda a mais, um

		pouquinho a mais, por que é uma coisa que estaria fora do orçamento. Não é aquele negócio que você tem um compromisso fixo, eu por exemplo tenho o meu trabalho (cobradora no transporte público) e aqui na feira posso ajudar na renda do meu pai (produtor de hortaliças).
Feirante 7, 42 anos.	Peixes.	Trouxe. Mudanças boas, eu posso dizer pra você que fez diferença na renda familiar, e também pro meu próprio negócio, as informações, o boca-a-boca, melhorou a divulgação dos meus produtos, não é só aqui na feira que tive esse retorno, más também na venda em minha peixaria.

Fonte: Pesquisa de Campo - Informações concedidas ao autor por meio de entrevista, no dia 15 de novembro 2015.

A questão a cima procura identificar se a FPPF proporcionou alguma mudança no modo de vida dos participantes. Primeiramente, a resposta que mais se destaca é a questão econômica, a grande maioria (71%) dos entrevistados, citou que a feira trouxe uma melhoria na renda da família, seja pelo comércio direto proporcionado pelas vendas realizadas na feira em si. Ou de forma indireta como no caso do Feirante 7, que, segundo ela, a feira também contribuiu para a divulgação de seus produtos, justificando que houve um aumento na procura dos mesmos em meio a sua peixaria.

Nas respostas das artesãs (Feirantes 1 e 5), podemos ver que as mudanças não estão associadas a questões econômicas, caracterizando que a participação na feira, em si, não resultou em um aumento significativo das vendas, más proporcionou mudanças em seus dias de domingo. Para a Feirante 1, avaliando suas considerações, a feira aparenta ter refletido em uma mudança de hábito, através de sua fala “Quando não venho parece que esta faltando alguma coisa”, apresenta uma sensação de pertencimento, como se a feira tivesse modificado as suas ações dominicais a um ponto em que a ausência em um dia de feira proporciona a ela um sentimento de que “algo está faltando”.

Quadro 5 – Atividades comerciais dos feirantes antes de ingressar na FPPF.

Como eram suas atividades comerciais antes de participar da FPPF?		
Identificação/idade	O que vende na FPPF	Resposta à questão
Feirante 1, 40 anos.	Artesanatos em tecido.	Consegui mais clientes depois que estou aqui na feira, quando estava em casa só pessoas mais próximas conheciam o meu trabalho.
Feirante 2, 42 anos.	Pastéis.	Eu fazia para a família, também quando tinha festa, vendia pros vizinhos, não existia muito comércio antes.
Feirante 3 e 4, ele 22 anos, ela	Hortaliças	Trabalhávamos com contrato de 6 meses a 1 ano com supermercados. Uma caixa com 24 unidades de alface, o valor depende, quando a produção é mais difícil (verão) o preço é

20 anos. (casal).		mais alto chegando até a R\$ 30,00 reais a caixa, aí vem a questão da demanda e procura, já no período mais fácil (inverno) o preço cai, pois todos tem, chegando em média a R\$ 15,00 reais a caixa, fornecíamos e entregávamos os produtos. Também tinha a venda na rua (ambulante), e a venda na propriedade.
Feirante 5, 47 anos.	Artesanatos em madeira e MDF.	Não mudou nada, mesma coisa, eu continuo vendendo mais em casa do que aqui. Aqui é a diversão, mais gostoso é que as pessoas estão vendo meu trabalho, lá as pessoas não viam por que estava dentro de casa, só quem conhecia. Aqui a possibilidade das pessoas conhecer o meu trabalho é melhor.
Feirante 6, 46 anos.	Hortaliças e pipoca.	Depois que eu parei de fazer a feira no centro, eu não estava exercendo nenhuma função de comércio fora, somente o meu trabalho que exerço a função de cobradora de ônibus, trabalho a noite, e durante o dia minha função é ajudar o pai ali, e cuidar dos meus afazeres domésticos em casa.
Feirante 7, 42 anos.	Peixes.	As minhas atividades, na verdade eram rotineiras, de segunda-a-segunda, mas sempre a mesma coisa, Não tinha nada de diferente, era a mesma rotina. Abrir a peixaria, manipular meus peixes, fazer a limpeza e ficar ali esperando um cliente. Hoje não, hoje eu já consegui modificar essa rotina, e faz muito a diferença, pra mim foi muito bom.

Fonte: Pesquisa de Campo - Informações concedidas ao autor por meio de entrevista, no dia 15 de novembro 2015.

Aqui podemos ver que a FPPF, criou uma oportunidade para o comércio no local, que antes não existia, como se todos esses produtores atuassem na informalidade, vendendo seus produtos a poucas pessoas, como na fala de alguns, que mantinham relações comerciais apenas com aqueles que conheciam o seu trabalho. A feira interferiu neste caso trazendo à tona toda a rica variedade de produção que antes permanecia no anonimato.

No caso dos Feirantes 3 e 4, que comercializam hortaliças, evidencia-se que antes de atuarem na feira, eles vendiam seus produtos para os supermercados da região, esse tipo de comércio é baseado em um modelo de cadeia agroalimentar longa, que já foi citado no capítulo 2. Más para melhor caracterizar a problemática desse modelo, e entender sobre as reais mudanças que a FPPF disponibilizou para os produtores locais, podemos utilizar o exemplo citado pelos entrevistados. Segundo eles a comercialização com os mercados era feita por meio de “contrato de 6 meses a 1 ano”. Pedi a eles para darem um exemplo do preço que eles recebiam pelos produtos, eles então falaram do caso da alface.

O qual podemos ver que tem valores diferentes conforme a estação do ano, em período de verão a “produção é mais difícil” segundo os

entrevistados, diminuindo a oferta do produto e por isso o preço chega a R\$ 30,00 reais a caixa com 24 unidades (média de R\$ 1,25 a unidade). Para o inverno a produção segundo eles aumenta o que acaba por diminuir os valores recebidos, que giram em torno de R\$ 15,00 reais a caixa (média de R\$ 0,62 a unidade).

Um valor menor se compararmos com o valor que eles comercializam na feira, que atualmente encontra-se a R\$ 1,50 a unidade de alface. O baixo valor pago pelos supermercados ao produtor, não significa que o consumidor também pagara um valor reduzido no produto, pois como já citei no capítulo 2., os intermediários acrescentam valores monetários nos produtos, e por isso o preço final utilizado pelos supermercados, pode ser superior aos R\$ 1,50 que é vendido na feira.

Esse exemplo demonstra que a FPPF, pode proporcionar através de seu comércio direto com os consumidores, a garantia de um preço mais estável, justo e honesto pago aos produtores, e aos consumidores produtos de qualidade, com procedência e a um preço menor, comparando com os preços ofertados pelos mercados intermediários.

Quadro 6 – Relações sociais articuladas pelo grupo da FPPF.

Pra você o que significa participar do grupo da FPPF?		
Feirante 1, 40 anos.	Artesanatos em tecido.	É importante, a gente criou uma amizade, um vínculo, vocês* passaram isso pra gente, deram valor no trabalho da gente, se não fosse vocês*, a feira não existiria. E vejo o esforço das pessoas também né, então é todo mundo ali batalhando. Todo mundo está aqui certamente por que gosta do que faz.
Feirante 2, 42 anos.	Pastéis.	A gente se conhece melhor, a gente fica sabendo o que um quer e o outro também né, a gente conversa, debate. É bom, gostoso conhecer as pessoas.
Feirante 3 e 4, ele 22 anos, ela 20 anos. (casal).	Hortaliças.	É bom, significa que a gente fez uma união, a gente fez um grupo que se reúne aqui todos os domingos e a gente tem essa cooperatividade, compromisso com os outros.
Feirante 5, 47 anos.	Artesanatos em madeira e MDF.	É muito bom. É uma realização, bom poder participar, é bom poder lutar por essa feira, é bom poder inventar coisas pra gente fazer com que a feira melhore, pra mim é muito bom.
Feirante 6, 46 anos.	Hortaliças e pipoca.	Eu gosto pelo seguinte, por exemplo se for pra mim sair daqui e ir na casa da minha amiga aqui, a gente não tem tempo pra isso, a gente não vai. Aqui a gente tem a convivência a gente se encontra aqui todos os domingos, então sai da rotina, ajuda bastante é uma terapia. Aqui você vende comercializa, se distrai, se diverte, pra mim é legal isso, eu gosto muito.
Feirante 7, 42 anos.	Peixes.	Pra mim significa ter ganhado mais uma família. Todos os dias eu vou pra casa, e agradeço por estar aqui com minhas irmãs

		maravilhosas (amigas que dividem a barraca na feira), “minha família linda”.
*Discentes (João Pedro Wicinovski e Leandro Raggi) encarregados do projeto de extensão da FPPF.		

Fonte: Pesquisa de Campo - Informações concedidas ao autor por meio de entrevista, no dia 15 de novembro 2015.

No Quadro 6, desdobra-se como que se estabelecem as relações sociais dentro do grupo. Entender através da visão de cada um, como os feirantes tem se comportado perante a união formada pelo projeto da FPPF. A feira tem proporcionado um espaço onde pessoas com os mesmos objetivos se encontram, antes nem todas se conheciam, más agora passam a conviver, se relacionar, dialogar, propor ideias para melhoria da feira. Essas atribuições também foram presenciadas por mim, diante dos vários encontros que participei junto do grupo de feirantes.

Analisando as atribuições feitas por eles a respeito da pergunta, aparentemente todos estão gostando da experiência. A formação do grupo também representa a organização dos produtores que se reúnem para discutir assuntos de seus interesses, essa união tem se mostrado muito satisfatória em termos de contribuir para o funcionamento da FPPF. É muito mais fácil trabalhar com pessoas que se conhecem, que possuem um vínculo de amizade, do que com desconhecidos.

Além do mais, a FPPF também permite, através da construção do seu espaço, o encontro de pessoas que já possuíam amizade antes da existência da feira. Como o caso da feirante 6, que comenta brevemente que antes de participar da FPPF, não tinha tempo de visitar a sua amiga, e agora as mesmas podem se encontrar na feira. O mesmo acontece para a amiga dela, a feirante 7, que afirma ter “ganhado mais uma família”.

Essas experiências transmitidas pelos feirantes por meio de suas falas, demonstram o caráter que a FPPF possui, formalizando a construção de um espaço não só movido pelas relações de comércio, más também pela união de produtores de uma região, que lutam por seus objetivos, más que acima de tudo, se respeitam, por que agora são amigos batalhando por uma mesma causa. Existe na construção deste projeto, a partir da fala dos

atores envolvidos, o surgimento de um mercado baseado nos princípios do cooperativismo.

Quadro 7 – FPPF e o desenvolvimento local, visão dos feirantes.

Você acredita que a FPPF, pode favorecer o Desenvolvimento Local? Por que?		
Feirante 1, 40 anos.	Artesanatos em tecido	Sim. Com o tempo vai favorecer bastante, quem persistir. Tem pessoas que estão aqui desde o começo. Eu acho que vai mudar bastante depois. Tanto pros feirantes, como pro pessoal que mora no bairro.
Feirante 2, 42 anos.	Pastéis.	Sim. Gera fontes, o dinheiro circula dentro da Vila, por que quem tá vendendo são os próprios produtores, e eles são todos aqui da região.
Feirante 3 e 4, ele 22 anos, ela 20 anos. (casal).	Hortaliças.	Sim. Favorece por que até então ninguém conhecia muito os produtos que tinha na região. Agora cada pessoa tem cliente em casa, todo mundo já vendia em casa, e isso também melhorou. O pessoal que tem família já se acostumou com a feira, vem todo domingo e compra de tudo, o que tem né.
Feirante 5, 47 anos.	Artesanatos em madeira e MDF.	Com certeza. Primeiro por que o pessoal que tem barraca na feira são feirantes da própria Vila, então estão trazendo dinheiro para a vila, automaticamente vendendo mais barato pra que as pessoas da Vila também possam comprar mais barato, podem comprar coisas frescas, coisas boas né. Então tá ajudando bastante sim. O pessoal hoje tem um lazer no domingo, tem a feira que sempre tem o pessoal que gosta de caminhar, conhecer, vim comer um pastel, então hoje tem bastante coisa assim que ajuda a Vila. Tem muita gente que já acorda de manhã pensando em vir pra feira, por que hoje tem a feira pra vir né.
Feirante 6, 46 anos.	Hortaliças e pipoca.	Favorece sim. Por que é o seguinte, aqui você encontra mercadorias, que se você for no mercado comprar, você vai ficar assustado com o preço. Por exemplo, meu cheiro verde que você compra aqui a 1 real, no mercado, as vezes você vai lá e vai pagar 3 reais. Então ajuda bastante assim.
Feirante 7, 42 anos.	Peixes.	Acredito que sim. Por que no meu caso, visando meu próprio estabelecimento, eu já tenho esse retorno, a gente não tem tanto tempo de feira, más eu já tenho esse retorno no meu dia-a-dia. A minha venda aumentou, devido esse contato mais direto com o pessoal, e como somos pequenos agricultores, a gente produz, manipula e vende.

Fonte: Pesquisa de Campo - Informações concedidas ao autor por meio de entrevista, no dia 15 de novembro 2015.

O quadro 6, esboça os resultados da pergunta principal dessa investigação, que seria explicar através da experiência dos atores envolvidos na FPPF, se eles veem, realmente a feira como um projeto que pode contribuir para o desenvolvimento local no bairro da Vila C.

A resposta de todos foi positiva, demonstrando que a FPPF, pode gerar através de sua existência uma ação de desenvolvimento no local. As justificativas estão basicamente fundadas em torno das relações de comércio, parece que para os feirantes os fatores econômicos, são de grande

importância para analisar as questões ligadas ao desenvolvimento. Dentre os entrevistados, apenas a feirante 1 não citou nada que corresponda a situações que envolva o comércio, em sua fala as frases “com o tempo vai favorecer bastante” e “Eu acho que vai mudar bastante depois”, aparenta que atualmente pra ela a feira não representa grandes mudanças em termos de desenvolvimento, más que no futuro a feira pode contribuir para tal fenômeno.

Aos demais, a FPPF já proporciona uma ação de desenvolvimento, principalmente pelo modelo de mercado que ela apresenta. Para eles a feira por comportar apenas produtores da região, apresenta uma economia de caráter local, segundo o feirante 2 “o dinheiro circula dentro da Vila” e também a fala da feirante 5 “trazendo dinheiro para a Vila”, percebemos que a FPPF, gera renda para os produtores locais, e também desenvolve a economia dentro do bairro.

A feira também permitiu que os produtores desenvolvessem seu comércio externo a ela. Ao exporem seus produtos em suas barracas todos os domingos, eles tem um reconhecimento da sua produção, se os consumidores gostam do que compram, possivelmente eles criam hábitos de buscar esses produtos junto à propriedade dos feirantes em dias que não acontece à feira. Na fala dos feirantes 3 e 4 “Agora cada pessoa tem cliente em casa, todo mundo já vendia em casa, e isso também melhorou” e também da feirante 7 “A minha venda aumentou, devido esse contato mais direto com o pessoal” constata-se que realmente a FPPF possibilitou melhorias nos modelos de comercialização dos produtores, e isso se da principalmente pela divulgação de seus produtos nos dias de feira.

Para a feirante 6, a feira também proporciona uma maneira de economizar por parte dos consumidores do bairro, ela apresenta em meio a sua argumentação, um exemplo que demonstra que os produtos comercializados por ela na FPPF, são mais baratos do que nos demais mercados da região. Para ela isso representa uma forma de desenvolvimento, que também está presente no entendimento da feirante 5, que em meio sua resposta comentou que os feirantes estão “ [...]automaticamente vendendo mais barato pra que as pessoas da Vila também possam comprar mais barato.”

Alguns dos entrevistados também demonstraram em meio a suas visões, que a FPPF, proporciona um local de lazer, que tem proporcionado uma mudança nos hábitos das pessoas que frequentam a feira. Segundo os feirantes 3 e 4 “O pessoal que tem família já se acostumou com a feira, vem todo domingo e compra de tudo [...]”, demonstra que a população já teria adquirido um hábito um “costume” de frequentar a feira, e na fala da feirante 5 “O pessoal hoje tem um lazer no domingo [...] por que hoje tem a feira pra vir né”, percebemos que a FPPF trouxe para o bairro da Vila C uma fonte de lazer que é algo em carência na região.

Quadro 8 – A FPPF no futuro, segundo considerações dos Feirantes.

Como você espera que a FPPF seja no futuro?		
Feirante 1, 40 anos.	Artesanatos em tecido	Eu acho que vai ficar enorme, cheia de barracas, muita gente. Vai ser bem movimentada, vai aparecer mais pessoas. Vai dar certo sim!
Feirante 2, 42 anos.	Pastéis.	Que seja maior, que atenda as necessidades tanto dos feirantes como dos consumidores.
Feirante 3 e 4, ele 22 anos, ela 20 anos. (casal).	Hortaliças.	Que ela se expanda, e que fique com mais fama na cidade. A gente acredita que vai melhorar cada vez mais.
Feirante 5, 47 anos.	Artesanatos em madeira e MDF.	Com muito mais barracas, com muito mais opção de renda, muito mais pessoas vindo conhecer. Que seja um momento de lazer nos domingos de manhã, pra todo mundo, pra todos os feirantes, como pra quem vem pra feira, pra conhecer, pra ficar pra comer, um encontro de amigos e parentes.
Feirante 6, 46 anos.	Hortaliças e pipoca.	Eu espero ampliação, e uma coisa assim que atraia cada vez mais e mais os moradores da região, pra que seja um ponto aonde as pessoas possam vir e se sentir bem, não só vir só compra e ir pra casa, más vim sentar, aproveitar um pouco mais o espaço, fazendo um lanche. Eu espero que futuramente apareça alguém que sirva até comida aqui, igual tem lá no centro também.
Feirante 7, 42 anos.	Peixes.	Eu espero que eu consiga desenvolver bem mais do que eu desenvolvo, e que aqui nós tenhamos bem mais estabilidade, não só aqui na feira, más eu espero que através desta feira, que surge outras coisas, já com referencia a esta feira. Que o bairro precisa de mais, incrementar mais coisas, até um local onde a gente possa fazer uma caminhada, eu viso isso, por que se a feira tá aqui hoje, eu acredito que pode acontecer melhoras, como uma área de lazer.

Fonte: Pesquisa de Campo - Informações concedidas ao autor por meio de entrevista, no dia 15 de novembro 2015.

Neste quadro apresentam-se as visões dos feirantes perante o que eles esperam da feira no futuro. A grande maioria (86%) dos entrevistados demonstra o desejo de que a feira cresça, em meio a suas falas: “que ela se expanda”, “que seja maior”, “vai ficar enorme”, “com muito mais barracas” e “eu

espero ampliação” vemos claramente que eles almejam um crescimento da FPPF. Nesse sentido, a feira já teria demonstrado evidências de um crescimento em numero de participantes, onde inicialmente tinha em torno de 10 feirantes, com três semanas de funcionamento o numero aumentou para cerca de 20 produtores²², onde se mantem atualmente.

Ao que parece, o aumento no numero de feirantes pode favorecer a feira trazendo mais variedades de produtos, vemos isso na fala da feirante 6 “eu espero que futuramente apareça alguém que sirva até comida”, essa fala particularmente, exhibe que o comércio na feira não apresenta características de competição entre os feirantes, más, pelo contrário um mercado onde os participantes atuam na mutualidade. Com mais variedades, atrai mais clientes, e isso aumenta as chances de que o produto de um ou de outro também seja comercializado.

Alguns salientam a importância do espaço de lazer que a feira proporciona, e esperam que no futuro isso possa ser uma característica da feira, “Que seja um momento de lazer nos domingos de manhã” conforme a feirante 5. Para a feirante 6 a respeito dos consumidores ela comenta que eles não devem vir “só compra e ir pra casa, más vim sentar, aproveitar um pouco mais o espaço, fazendo um lanche”, e também segundo a feirante 7, “Que o bairro precisa de mais, incrementar mais coisas, até um local onde a gente possa fazer uma caminhada”, essas visões reforçam o que já tinha comentado anteriormente sobre a falta de locais de lazer para os moradores do bairro da Vila C e região.

Quadro 9 – Índice de satisfação dos feirantes, segundo sua participação na FPPF.

Considerando uma nota de (1 a 10). Qual o seu índice de satisfação em participar da FPPF?		
Feirante 1, 40 anos.	Artesanatos em tecido	10
Feirante 2, 42 anos.	Pastéis.	10
Feirante 3 e 4, ele 22 anos, ela 20 anos. (casal).	Hortaliças.	9
Feirante 5, 47 anos.	Artesanatos em madeira e MDF.	10

²² Não tenho um numero concreto a respeito do numero de participantes, como a feira esta há pouco tempo funcionando (cerca de 3 meses), ainda não esta estabilizado o numero de feirantes, levando em consideração que em alguns domingos tem novas pessoas participando, e também tem produtores que deixam de participar.

Feirante 6, 46 anos.	Hortaliças e pipoca.	9
Feirante 7, 42 anos.	Peixes.	10

Fonte: Pesquisa de Campo - Informações concedidas ao autor por meio de entrevista, no dia 15 de novembro 2015.

Como ultima pergunta, pedi aos entrevistados que dessem uma nota, que representasse sua satisfação em participar do projeto da FPPF. As notas mostram que ambos estão satisfeitos, considerando que a nota mais baixa foi 9, e tem como média²³ 9,57.

4.1.2. Relevância da FPPF para o Desenvolvimento Local da Região: Experiência dos Consumidores.

Nesta parte do trabalho assim como no item 5.1 deste capítulo, apresentam-se os resultados do trabalho de campo realizado, agora manifestando as experiências dos consumidores. Foram entrevistadas sete pessoas (dentre elas dois casais que responderam as perguntas em conjunto), através de um questionário, a respeito de suas considerações sobre a implantação da FPPF no bairro Vila C.

Quadro 10 – Motivos dos consumidores para frequentar a FPPF.

Por que você frequenta a Feira Popular da Produção Familiar?		
Identificação/idade	Ocupação	Respostas
Consumidores A e B, idade de ambos 26 anos. (casal).	Ela é Administradora. Ele Empreendedor de marketing direto.	Pra conseguir comprar verduras, aqui à gente consegue achar uma grande quantidade de coisas, uma variedade boa com qualidade, e com preço bom também. E também ajuda os produtores locais. É gostoso o ambiente da feira, tem muitos motivos na verdade, sair pra passear no domingo.
Consumidor C, 21 anos.	Operadora de caixa.	Pelos produtos, que são naturais, são a maioria feitos pelos produtores aqui do bairro da Vila C, e por que eu já participei disso aqui também.
Consumidor D, 23 anos.	Autônoma.	Por que eu procuro mais verduras, que lá tá tendo. Também procuro ajudar eles, por que eles moram aqui e eles também me ajudam, por que a gente tem mercearia né, por que é da Vila entende, a gente tem que procurar ajudar a Vila. Por que procurar fora se aqui tem?
Consumidor E, 39 anos.	Açougueira.	Por que os preços são bons, são favoráveis. E é um dia que eu posso ir, domingo de manhã. Além de ter vários tipos de saladas pra você levar.
Consumidores F e G, ele 39 anos, ela 35 anos. (casal).	Ele é Motorista. Ela é Vendedora.	Por que é bom, tem ótimos produtos, boa qualidade com preços acessíveis.

²³ Para calcular a média, considerei que a nota dos feirantes 3 e 4, somassem duas vezes, como ambos deram a nota “9” na entrevista. Ficando o calculo: $10 + 10 + 9 + “9” + 10 + 9 + 10 / 7 = “9.57”$.

Fonte: Pesquisa de Campo - Informações concedidas ao autor por meio de entrevista, no dia 15 de novembro 2015.

Dentre os motivos pelos quais os consumidores frequentam a feira, tem destaque os produtos que são oferecidos na FPPF, principalmente os produtos de origem agrícola, no caso em questão as verduras. Muitos dos entrevistados alegaram em suas respostas a busca por esse tipo de produto. Os consumidores A e B comentam que vão à feira “pra conseguir comprar verduras” o mesmo pode-se verificar na fala da consumidora D “Por que eu procuro mais verduras” e também na resposta da consumidora E “Além de ter vários tipos de saladas pra você levar”.

Além da procura por hortaliças, alguns consumidores também alegam que os produtos de forma geral são de boa qualidade, e com preços favoráveis (Consumidores F e G “com preços acessíveis”; Consumidora E “os preços são bons”; Consumidores A e B “com preço bom também”). Os resultados dessa primeira pergunta deixam evidente que o motivo principal pelo qual as pessoas frequentam a FPPF, é a busca pelos produtos comercializados em seu interior.

Outro motivo não tão frequente nas respostas, mas que tem grande importância, é o entendimento por parte dos consumidores de que a FPPF, é uma feira que tem, dentre seus objetivos a finalidade de beneficiar os produtores locais, e isso de certa forma é uma informação que alguns consumidores têm conhecimento²⁴, e parte da presença deles na feira se dá também por esse motivo.

Quadro 11 – Opinião dos consumidores a respeito dos produtos comercializados na FPPF.

Como você define os produtos comercializados na FPPF?		
Consumidores A e B, idade de ambos 26 anos. (Casal).	Ela é Administradora. Ele é Empreendedor de marketing direto.	No sentido de qualidade está satisfatório, tá legal. Falta um pouco de frutas só, tem pouca coisa de fruta, mas isso é um problema específico da cidade, é difícil de achar frutas até no mercado. Falta um pouquinho de variedade, falta também um pouco de variedade nas verduras, legumes tem pouco, falta uma abobrinha, cenoura, ai a gente acaba tendo que comprar alguma coisa no mercado. Mas em questão de qualidade e preço é muito bom.
Consumidor C, 21	Operadora de	Ah, eu acho que como é tudo a maioria a pessoa

²⁴ Consumidores A e B, “e também ajuda os produtores locais”; Consumidora D, “Também procuro ajudar eles, por que eles moram aqui e eles também me ajudam”.

anos.	caixa.	mesmo quem produz né, eu acredito assim que é tudo de ótima qualidade, e o preço também é bem mais acessível do que em qualquer outro lugar que a gente vá, em mercado. E também por que é aqui no bairro né, então, tem outras feiras más aqui eu acho ótimo por que é perto e a gente consegue economizar e comprar coisa boa.
Consumidor D, 23 anos.	Autônoma.	Eu aprovei todos, gostei de todos, e continuo a procurar por esses produtos, por que eu particularmente gostei.
Consumidor E, 39 anos.	Açougueira.	Muito bons, de ótima qualidade e com preços bons.
Consumidores F e G, ele 39 anos, ela 35 anos. (casal).	Ele é Motorista. Ela é Vendedora.	De boa qualidade, mas nem todos. Não acho que deva ter os balões pra crianças, por que toda vez que vamos à feira com nosso filho temos que comprar um balão.

Fonte: Pesquisa de Campo - Informações concedidas ao autor por meio de entrevista, no dia 15 de novembro 2015.

A respeito da qualidade, todos os entrevistados afirmaram que os produtos estão satisfatórios. Apenas os consumidores A e B, comentaram que deveria ter mais variedades de produtos, considerando que a feira tem uma variedade razoável de verduras, porem não tem muito legumes, e também falta uma variedade de frutas, no entanto segundo os entrevistados, essa falta de frutas também seria um problema da cidade, que não tem muita produção no gênero.

Outro problema citado pelos consumidores F e G, seria a venda de balões, que são comercializados por algumas artesãs. No entanto não são elas que produzem os mesmos, apenas revendem como uma forma de aumentar a renda. Já teríamos discutido sobre esse tema em uma reunião, e todos concordaram que poderia continuar a venda, porem ainda não tínhamos a visão de um consumidor, e para esses entrevistados, a venda de balões não é algo favorável, embora atraia as crianças, em sua resposta os consumidores reclamam que toda vez que vão a feira com seu filho eles tem que comprar um novo balão. Isso ao meu ponto de vista deveria ser repensado, se não tivessem esse tipo de produtos na feira, talvez os consumidores pudessem investir em outros produtos produzidos por alguém do bairro.

Quadro 12 – Mudanças nos hábitos alimentares dos consumidores, com o surgimento da FPPF.

A feira trouxe alguma mudança nos hábitos alimentares?		
Consumidores A e B, idade de ambos 26 anos. (Casal).	Ela é Administradora. Ele é Empreendedor de marketing direto.	A gente tá consumindo mais verduras e legumes, as vezes coisas que a gente não comprava antes, por ter na feira, a gente acaba comprando pra experimentar e acaba virando um hábito. Por exemplo, o quiabo né, e a acerola pra fazer suco.
Consumidor C, 21 anos.	Operadora de caixa.	É um pouco, por que agora eu como mais verduras.
Consumidor D, 23 anos.	Autônoma.	Muito. Passei a comer mais verduras, mais saladas.
Consumidor E, 39 anos.	Açougueira.	Sim. Comecei a comer salada todos os dias, e também me ajudou muito para ir no banheiro todos os dias.
Consumidores F e G, ele 39 anos, ela 35 anos. (casal).	Ele é Motorista. Ela é Vendedora.	Sim. Estamos nos alimentando com mais saúde, comendo mais saladas.

Fonte: Pesquisa de Campo - Informações concedidas ao autor por meio de entrevista, no dia 15 de novembro 2015.

O quadro 11 revela que a FPPF esta influenciando na alimentação dos consumidores, todos alegam que estão comendo mais verduras, e isso é muito importante, pois esses alimentos são ricos em fibras alimentares insolúveis²⁵, que segundo Catalani (et. al 2003) contribuem principalmente para melhorar trânsito intestinal.

Essa característica das hortaliças tem papel importante na dieta de uma alimentação saudável, e podemos verificar que já esta gerando resultados, na fala engraçada da consumidora E “me ajudou muito para ir no banheiro todos os dias”, percebemos que os produtos comercializados na FPPF, estão contribuindo para a segurança alimentar e nutricional da população local.

Os produtos da FPPF estão proporcionando uma mudança nos hábitos alimentares dos consumidores, além de consumirem mais verduras, também se destaca o consumo de produtos novos que antes não eram um costume dentro da alimentação dos mesmos, podemos ver isso na resposta dos consumidores A e B “a gente acaba comprando pra experimentar e acaba virando um hábito. Por exemplo, o quiabo né, e a acerola pra fazer suco”.

²⁵ “São encontradas em maior quantidade no farelo de trigo, nos cereais integrais e seus produtos, nas raízes e nas hortaliças”. (CATALANI et. al., pg. 179. 2003).

Quadro 13 - FPPF e o desenvolvimento local, visão dos Consumidores.

Você acredita que a FPPF, pode favorecer o Desenvolvimento Local? Por que?		
Consumidores A e B, idade de ambos 26 anos. (Casal).	Ela é Administradora. Ele é Empreendedor de marketing direto.	Com certeza! Por que você está incentivando o produtor local né, quando você compra dele. O dinheiro tá ficando por aqui, não está indo em bora. Exatamente você compra dele e da condições pra continuar produzindo, dele crescer, o dinheiro circula localmente. Podem surgir mais produtores com essa feira né, tendo a oportunidade de um local aonde eles venderem né, às vezes tem gente que tem a terra e não produz por que não tem como comercializar, e tendo a feira aqui, é um canal de comercialização, é um circuito curto né de comercialização. E eles não ficam dependendo de atravessadores né, eles podem produzir a quantidade que eles quiserem, num preço interessante mais barato que no valor final, agregando mais valores aos produtos deles, por que não passa justamente pelos intermediários. As vezes se eles fossem vender pra um atravessador que cobraria mais barato né por que tem que revender, aqui ele já vende por um preço direto pro consumidor, com um preço menor.
Consumidor C, 21 anos.	Operadora de caixa.	Com certeza! Por que quem tá aqui trabalhando, é o pessoal que mora na vila né, então de qualquer forma, antes de ter isso aqui, não tinha nenhum lugar pra gente ir no domingo de manhã, por exemplo, né, seria comprar no mercado e voltar pra casa. E aqui as pessoas se conhecem, conversam, falam de cultura, de tudo então, com certeza é um desenvolvimento pro bairro. Principalmente financeiro também, por que talvez é uma segunda fonte de renda pra todo mundo que trabalha aqui.
Consumidor D, 23 anos.	Autônoma.	Pode. Eu acho que a gente, como eu já tinha dito, a gente pode se ajudar aqui na Vila, a gente não precisa ir lá pra fora pra buscar o que a gente tem aqui, e isso a gente pode tá dando um passo à frente né, pra continuar, pra crescer e isso é bom.
Consumidor E, 39 anos.	Açougueira.	Ela pode trazer, como já está trazendo vários benefícios pras famílias, além dos produtores que estão fornecendo, tão vendendo bem mais e com a volta maior, do que se estivessem vendendo nos minimercados que tem na Vila. Mas em ela abrangi ela se tornar maior e <i>coisarada</i> não, não por causa dos comerciantes que já existem no bairro.
Consumidores F e G, ele 39 anos, ela 35 anos. (casal).	Ele é Motorista. Ela é Vendedora.	Com certeza. Principalmente pelo encontro de famílias no local, que se reúnem nas manhãs de domingo. E também por que vai gerar mais renda para os produtores locais.

Fonte: Pesquisa de Campo - Informações concedidas ao autor por meio de entrevista, no dia 15 de novembro 2015.

Todos os consumidores entrevistados acreditam que a feira contribui para o desenvolvimento local. De maneira geral eles enxergam que a FPPF contribui principalmente para uma melhoria na renda dos produtores. Como no Quadro 6, que trazia os resultados da mesma pergunta só que

aplicada aos feirantes, aqui, os entrevistados também deram importância a questão financeira, abordando o princípio de que a FPPF está ajudando os feirantes nessa questão.

Muito importante foi o levantamento feito pelos consumidores A e B, que em resposta argumentaram que:

[...] tendo a feira aqui, é um canal de comercialização, é um circuito curto né de comercialização. E eles não ficam dependendo de atravessadores né, eles podem produzir a quantidade que eles quiserem, num preço interessante mais barato que no valor final, agregando mais valores aos produtos deles, por que não passa justamente pelos intermediários [...]. (consumidores A e B, entrevista concedida ao autor, 15 nov. 2015).

Nessa fala, eles demonstram ter entendimento de como funcionam as relações de mercado, tanto das problemáticas cadeias agroalimentares longas já descritas no capítulo 2. deste texto, e também as vantagens das cadeias agroalimentares curtas, introduzida pela FPPF, promovendo um encontro frente-a-frente com produtores e consumidores, trazendo benefícios para ambos. Os entrevistados A e B, em particular ainda dão várias outras afirmações a respeito da feira e as ações de desenvolvimento que nela se manifestam, “está incentivando o produtor local”, “da condições pra continuar produzindo, dele crescer”, “o dinheiro circula localmente”.

Para a consumidora E, a FPPF traz benefícios para as famílias que frequentam a feira e também aos produtores que podem comercializar seus produtos no mercado em questão. Porém a entrevistada acredita que a FPPF, não se tornará maior em termos de tamanho, por que segundo ela existem outros comerciantes no bairro, e isso gera um fator de competição entre a feira e os mercados locais, por isso a feira segundo ela permanecerá estável.

Quadro 14 - A FPPF no futuro, considerações dos Consumidores.

Como você espera que a FPPF seja no futuro?		
Consumidores A e B, idade de ambos 26 anos. (Casal).	Ela é Administradora. Ele é Empreendedor de marketing direto.	Maior, um pouco maior né, com mais barracas e mais variedade, é maior no sentido de variedade mesmo. Principalmente frutas e verduras que quando, pelo menos eu penso em feira, eu penso em produção de leguminosas geral assim. Não penso muito no produto acabado, no máximo um pastel e um caldo de cana né. Mas é legal que tenha assim, bolos e outros doces, pães essas coisas, más eu acho que tem que ter mais frutas e legumes. Más sem perder o foco, por que o foco da feira, pra mim é esse, se não acaba virando uma feira de coisinhas assim.
Consumidor C, 21 anos.	Operadora de caixa.	Ah, acredito que da maneira que está, ela já é bem organizada, más talvez possa mudar um pouco a estrutura dela, ou até mesmo crescer né, ter mais feirantes aqui e expandir cada vez mais.
Consumidor D, 23 anos.	Autônoma.	Com mais produtividade, que ela não acabe, e que todos os agricultores possam ter o seu cantinho lá, que todo mundo possa vender né, más pra isso é preciso ter ajuda da população né, se não tiver não da, todo mundo tem que se ajudar.
Consumidor E, 39 anos.	Açougueira.	Pra mim não tem o que mudar, ela assim do jeito que ela é, no futuro se ela continuar assim é vantagem. Então não tem o que mudar ali, é uma feira, ela já é uma feira, e feira é isso, onde se coloca frutas verduras e algumas bebidas, e as pessoas chegam e veem, feira é isso, não tem o que querer mudar. Penso que ela poderia ter uma estrutura melhor, um espaço onde tivessem todas as barracas iguais, que suportasse a chuva o vento, do que cada um montar a sua barraca. Más como a gente não tem um lugar próprio, pra fazer as barracas fixas, então essa é minha opinião.
Consumidores F e G, ele 39 anos, ela 35 anos. (casal).	Ele é Motorista. Ela é Vendedora.	Expandindo cada vez mais, com mais variedades, e principalmente com produtos orgânicos que contribui para nossa saúde. E também que tenha uma área pras crianças brincarem de graça, como uma piscina de bolinha, trampolim, escorregador. Também seria legal fazer a feira também em outro dia da semana, numa sexta feira à noite, num sábado à noite, por que ai teria mais tempo pra ir, e também acho que teria mais gente. Os feirantes também podem melhorar muito mais.

Fonte: Pesquisa de Campo - Informações concedidas ao autor por meio de entrevista, no dia 15 de novembro 2015.

Em uma análise geral do Quadro 13, temos várias contribuições por parte dos consumidores a respeito de possíveis ações que tornaram a FPPF em um evento ainda melhor. Como a incrementarão de mais variedades de produtos, principalmente de legumes e frutas, destacado no comentário dos consumidores A e B, que também refletem em suas falas o cuidado para que a “feira não perca o foco”, ou seja, não se agreguem produtos muito processados ou industrializados, no máximo pastéis, bolos,

pães, caldo de cana entre outros, nesse sentido, já temos alguns produtores que desempenham o papel de servir produtos com essas características.

Podemos analisar também nos comentários dos entrevistados, uma preocupação com a estrutura da feira, a consumidora C, sugere que a feira deveria ter uma mudança na estrutura, também citado pela consumidora E “penso que ela poderia ter uma estrutura melhor, um espaço onde tivessem todas as barracas iguais, que suportasse a chuva o vento”. Essas observações, de fato, remetem a um problema que enfrentamos na FPPF, em dias de chuva, alguns feirantes, principalmente os que trabalham com artesanato ficam impedidos de participar, por que as barracas utilizadas no momento, não impedem a passagem de umidade, e isso em dias de chuva danificam os produtos.

Os consumidores F e G sugerem a implantação de produtos orgânicos, justificando que esses trazem mais benefícios para a saúde. Atualmente os produtos comercializados na FPPF, não podem ser considerados orgânicos, embora a maioria dos produtores trabalhe sem utilizar aditivos químicos, existem muitos critérios a serem analisados para que os produtos sejam certificados como orgânicos.

Na formulação do projeto da FPPF, tínhamos como um dos objetivos específicos “promover a agroecologia”, orientando os produtores para que eles alcançassem a certificação de produção orgânica, esse objetivo em si não foi muito explorado. Isso não impede que no futuro sejam cogitadas algumas estratégias em parcerias com os órgãos públicos da cidade, ou até mesmo com a Rede Ecovida, para que os produtores tenham um reconhecimento de produção orgânica.

Quadro 15 - Índice de satisfação dos consumidores, com a implantação da FPPF no bairro.

Considerando uma nota de (1 a 10). Qual o seu índice de satisfação com a implantação da FPPF no bairro?		
Consumidores A e B, idade de ambos 26 anos. (Casal).	Ela é Administradora. Ele é Empreendedor de marketing direto.	10
Consumidor C, 21 anos.	Operadora de caixa.	9
Consumidor D, 23 anos.	Autônoma.	10
Consumidor E, 39 anos.	Açougueira.	8,5
Consumidores F e G, ele 39 anos, ela 35 anos. (casal).	Ele é Motorista. Ela é Vendedora.	8

Fonte: Pesquisa de Campo - Informações concedidas ao autor por meio de entrevista, no dia 15 de novembro 2015.

Neste ultimo Quadro, assim como perguntado aos feirantes no Quadro 8, procurei saber a respeito dos consumidores se eles estão satisfeitos com a Feira no bairro. Verifica-se que a nota menor foi 8, e a média 9,07 utilizando para o cálculo de média os mesmos critérios que no Quadro 8 (somando duas vezes a nota dos casais), eu considero que os consumidores estão satisfeitos. Porém em uma análise mais crítica, segundo o que os consumidores esperam para futuro da feira (Quadro 13), a FPPF ainda precisa melhorar em alguns segmentos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir através desse estudo de caso, que na região do bairro Vila C em Foz do Iguaçu/PR, as relações de comércio eram principalmente compostas por redes de cadeias agroalimentares longas, e a produção local avançava junto a um mercado informal, o que prejudicava os produtores locais e também os consumidores.

Com a criação do projeto da FPPF, os produtores locais ganharam mais visibilidade e agora possuem um local fixo para comercializarem seus produtos, algo que antes não existia na região. Esse novo modelo de mercado é a principal característica da feira, que vem contribuindo para aumentar a renda da maioria dos produtores, trazendo melhorias em seus meios de vida, e impactando positivamente nos hábitos alimentares dos consumidores que visitam a feira.

A FPPF não trouxe melhorias econômicas para todos os participantes, e isso podemos ver diante das entrevistas. Dentre os feirantes menos beneficiados, estão às produtoras de artesanato, que de modo geral, não tiveram muitos avanços em suas vendas, por isso, não se deve generalizar que a FPPF permitiu um desenvolvimento econômico para todos. No entanto para as artesãs, a feira supriu outra necessidade, que seria a divulgação de seus trabalhos, e isso pode trazer no futuro, um retorno financeiro. Existe ai a possibilidade de se fazer uma nova investigação, para entender por que os artesanatos não teriam tido uma boa aceitação dentro do mercado da FPPF.

O bairro da Vila C, demonstra-se um território bastante carente quanto o assunto é lazer. A FPPF contribuiu para amenizar esse aspecto negativo do local, porem, muito ainda tenha que ser feito para que os moradores da região possam ter mais opções que satisfação essa necessidade.

É evidente a importância da extensão universitária dando apoio à comunidade, a FPPF, nesse sentido, é um exemplo dos bons resultados que se podem alcançar com a parceira de instituições de ensino e a sociedade civil. Também tem destaque à criação de projetos na área das ciências sociais,

proporcionando alternativas e soluções para os problemas individuais ou coletivos enfrentados pela sociedade.

Resgatando o entendimento de Fillipi e Conterato (2009) sobre o desenvolvimento ser um fenômeno de natureza social. A FPPF, em bora seja um projeto que surge de meios externos (discentes, PROEX, UNILA), ela é articulada de forma coletiva, ou seja, os atores (feirantes) participaram ativamente de sua construção na prática, permitindo que eles desempenhassem um papel fundamental na realização de um evento que tornasse possível as mudanças positivas em seus modos de vida, ou seja, as mudanças surgem como consequência direta de suas próprias ações, isso caracteriza a teoria de desenvolvimento explícita pelos autores.

Por essas e por outras afirmações, considerando principalmente as experiências dos atores envolvidos que demonstraram que a feira trouxe benefícios para os mesmos e para o local, concluo que o projeto da Feira Popular da Produção Familiar possui elementos que permitem o desenvolvimento local, principalmente nas variáveis econômica, social e cultural.

O mercado proposto pela FPPF permitiu que o dinheiro circulasse localmente, possibilitou melhoria na renda da maioria dos produtores, e também uma forma de economizar para os consumidores, por esses motivos acredito que a feira favoreça o desenvolvimento econômico do local. Os consumidores passaram a interagir diretamente com os produtores, conhecer novas pessoas, trocar conhecimentos, também houve melhorias na qualidade de vida, principalmente na alimentação, sustentando princípios de desenvolvimento social. A FPPF reúne em um único espaço, pessoas de várias etnias que interagem em harmonia, presenciando apresentações musicais de diferentes estilos, também proporcionou mudanças nos hábitos alimentares, e isso contribui para o enriquecimento cultural, a ideia é que no futuro a feira possa ter mais atividades que favoreçam nesse sentido.

Finalizo esse trabalho, destacando sua importância para o futuro da FPPF, neste podemos ilustrar e analisar as experiências dos atores

envolvidos, principalmente a visão dos consumidores, que através de suas observações repassam alguns aspectos que precisam ser melhorados na feira. Seria interessante se no futuro surgissem novos projetos para potencializar a FPPF, trabalhando com os agricultores a agroecologia, por exemplo, que é uma questão fundamental, ou também algumas propostas para melhorar a estrutura e a variedade de produtos ofertados.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Shirley Patrícia Nogueira De Castro e. **FAZENDO A FEIRA: Estudo das artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático de feirantes e fregueses da Feira Livre do Bairro Major Prates em Montes Claros – MG**. 2009. 135f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social). Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Social. Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. Montes Claros, MG, 2009.

APAREÇA na Feira Livre. **Jornal A Gazeta do Iguaçu**, Foz do Iguaçu, 1 ago. 2007, pg. 17.

ARMANI, Domingos. **Como Elaborar Projetos? Guia Prático para Elaboração e Gestão de Projetos Sociais**. 1. ed. Tomo Editorial. Porto Alegre, 2000. 96p.

ARRUDA, Juliana. **Agricultura Urbana Na Região Metropolitana do Rio de Janeiro: Sustentabilidade e Repercussões na Reprodução das Famílias**. 2011. 197f. Tese (doutorado em Ciências, Área de Concentração em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) - Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais Em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica RJ, 2011.

CATALANI, Lidiane Aparecida. KANG, Éster Mi Sun. DIAS, Maria Carolina Gonçalves. MACULEVICIUS, Janete. Fibras Alimentares. **Revista Brasileira de Nutrição Clínica**. São Paulo – SP Vol. 18, N. 4, Pg. 178-182 – out./nov./dez. 2003.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano – 2: Morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 1996.

COÊLHO, J. D.; PINHEIRO, J. C. V. **Grau De Organização Entre os Feirantes e Problemas por eles Enfrentados nas Feiras Livres de Cascavel e de Ocara, No Ceará**. In: CONGRESSO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL - SOBER, 47, 2009, Porto Alegre: **Anais...** Porto Alegre: SOBER, 2009.

COLLA, C.; STADUTO, J. A. R. S.; JÚNIOR, W. F. da R.; RINALDI, R. N. A. **Escolha da Feira Livre como Canal de Distribuição para Produtos da Agricultura Familiar de Cascavel - PR**. In: CONGRESSO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL - SOBER, 45, 2007, Londrina: **Anais...** Londrina: SOBER, 2007.

CONTERATO, Marcelo Antonio; FILLIPI, Eduardo Ernesto. **Teorias do desenvolvimento**. 1. ed. 2009. 56p. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Editora da UFRGS. Porto Alegre, 2009.

FAO. Food into Cities. Coleccion - DT/43-00E, Rome, 2000. (CD-ROM)

FORMAN, Shepard. **Camponeses: Sua Participação no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FOZ DO IGUAÇU. Câmara Municipal. PROJETO DE LEI Nº 20/2008, 28 de fevereiro de 2008. Dispõe sobre a oficialização da Feira Livre das Nações no Município de Foz do Iguaçu, e dá outras providências. Autor: Vereador Djalma Pastorello. Disponível em <<http://www.camarafoz.pr.gov.br/pdf/projetos/685.pdf>> Acessado em 10, nov. 2015.

IBGE – CIDADES. Disponível em <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=4108304>> acessado em: 06 nov. 2015.

Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social – IPARDES; Caderno Estatístico Município De Foz Do Iguaçu, 2015. Disponível em <<http://www.ipardes.gov.br/cadernos/MontaCadPdf1.php?Municipio=85850&btOk=ok>> acessado em: 09 nov. 2015.

MACHADO, Altair Toledo; MACHADO, Cynthia Torres de Toledo. **Agricultura Urbana**. Embrapa Cerrados, Planaltina-DF, 2002.

NIEDERLE, Paulo André. Delimitando as Fronteiras entre Mercados Convencionais e Alternativos para a Agricultura Familiar. **Revista Extensão Rural**, Rio de Janeiro, Ano XVI, N. 18, pg. 5 – 37, Jul. – Dez. 2009

Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu. **Dados Socioeconômicos de Foz Do Iguaçu**. 2011. Secretaria Municipal da Administração / Departamento de Informações Institucionais; Disponível em <<Http://www.pmfi.pr.gov.br/ArquivosDB?idMidia=62501>>acessado em: 06 nov. 2015.

RAMOS, Pedro; STOREL JÚNIOR, Antonio Oswaldo. **O Açúcar e as Transformações nos Regimes Alimentares**. 2001. 18 p. Revista Cadernos de Debate, uma publicação do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alimentação da UNICAMP, Vol. VIII / 2001.

RIBEIRO, Danilo George. **Metamorfoses na cidade: tensões e contradições na produção e apropriação do espaço urbano em Foz do Iguaçu**. 2015. 263f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. Toledo, PR, 2015.

RIBEIRO, Maria de Fátima Bento. **Memórias Do Concreto: Vozes Na Construção De Itaipu**. 2002. pg. 116. Edunioeste, Cascavel, 2002. Originalmente apresentado como dissertação (Mestrado em história). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Programa de Estudos Pós-Graduados em História, São Paulo, 1999.

RODRIGUES, Abilene. “Antiquarium” reestrea dia 27 na terceira pista da Avenida JK. **Jornal A Gazeta do Iguaçu**, Foz do Iguaçu, pg. 12, 19 e 20 mai. 2007.

SALES, Aline Pereira; REZENDE, Liviane Tourino; SETTE, Ricardo de Souza. **Negócio Feira Livre: Um Estudo Em Um Município De Minas Gerais**. In: III ENCONTRO DE GESTÃO de PESSOAS e RELAÇÕES de TRABALHO, 2011, João Pessoa, PB.

SCARABELOT, Maristela. SCHNEIDER, Sérgio. As Cadeias Agroalimentares Curtas e Desenvolvimento Local – Um Estudo de Caso no Município De Nova Veneza/Sc. **Revista Faz Ciência**, Porto Alegre, V.15, N. 20, pg. 101-130, Jan/Jun 2012.

VEDANA, Viviane. **“Fazer a Feira” Estudo Etnográfico das “artes de fazer” de Feirantes e Fregueses da Feira Livre da Epatur no Contexto da Paisagem Urbana de Porto Alegre**. 2004. 251f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2004.

VICTAL, Jane. SOUZA, Adelita Araujo de. A URBANIZAÇÃO DE FRONTEIRA E AS RELAÇÕES LATINO-AMERICANAS: Estudo de Caso das Vilas de Itaipu. **R. B. Estudos Urbanos e Regionais** V. 13, N. 1 / Maio 2011.

WEBER, Max. Conceitos e Categorias da Cidade. In: O Fenômeno Urbano, Otávio Velho (organizador). Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979.

WICINOVSKI, J. P.; RAGGI, L. B.; STORMOSKI, V. P. **Projeto Feira Popular da Produção Familiar (FPPF)**. Unila, Foz do Iguaçu, 2014.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. 3 ed. Porto Alegre. Bookman, 2005. 212 pg.

ZYLBERSZTAJN, Decio. **A estrutura de governança e coordenação do agribusiness: uma aplicação da nova economia das instituições**. 1995. 239 f. Tese (Livre-Docência) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.